



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

ALINE FERREIRA DOS SANTOS

DA ORIGEM DO MITO À ADAPTAÇÃO: DE HIPÓLITA À CRIAÇÃO DA
MULHER-MARAVILHA

Rio de Janeiro
2024

ALINE FERREIRA DOS SANTOS

**DA ORIGEM DO MITO À ADAPTAÇÃO: DE HIPÓLITA À CRIAÇÃO DA
MULHER-MARAVILHA**

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Produção Editorial.

Orientadora: Prof^ª Eliane Hatherly Paz

Rio de Janeiro

2024

DA ORIGEM DO MITO À ADAPTAÇÃO: DE HIPÓLITA À CRIAÇÃO DA MULHER-MARAVILHA

Aline Ferreira dos Santos

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Produção Editorial.

Aprovado por

DocuSigned by:
Eliane Hatherly Paz
D1888FDC724D464...

Prof.^a Dr.^a Eliane Hatherly Paz – orientadora

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA CRELIA PENHA DIAS
Data: 19/12/2024 12:11:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Ana Crélia Penha Dias

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIO FEIJO BORGES MONTEIRO
Data: 20/12/2024 10:18:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Mário Feijó Borges Monteiro

Aprovada em: 11 /12/ 2024.

Grau: 10,0 (dez)

Rio de Janeiro/RJ

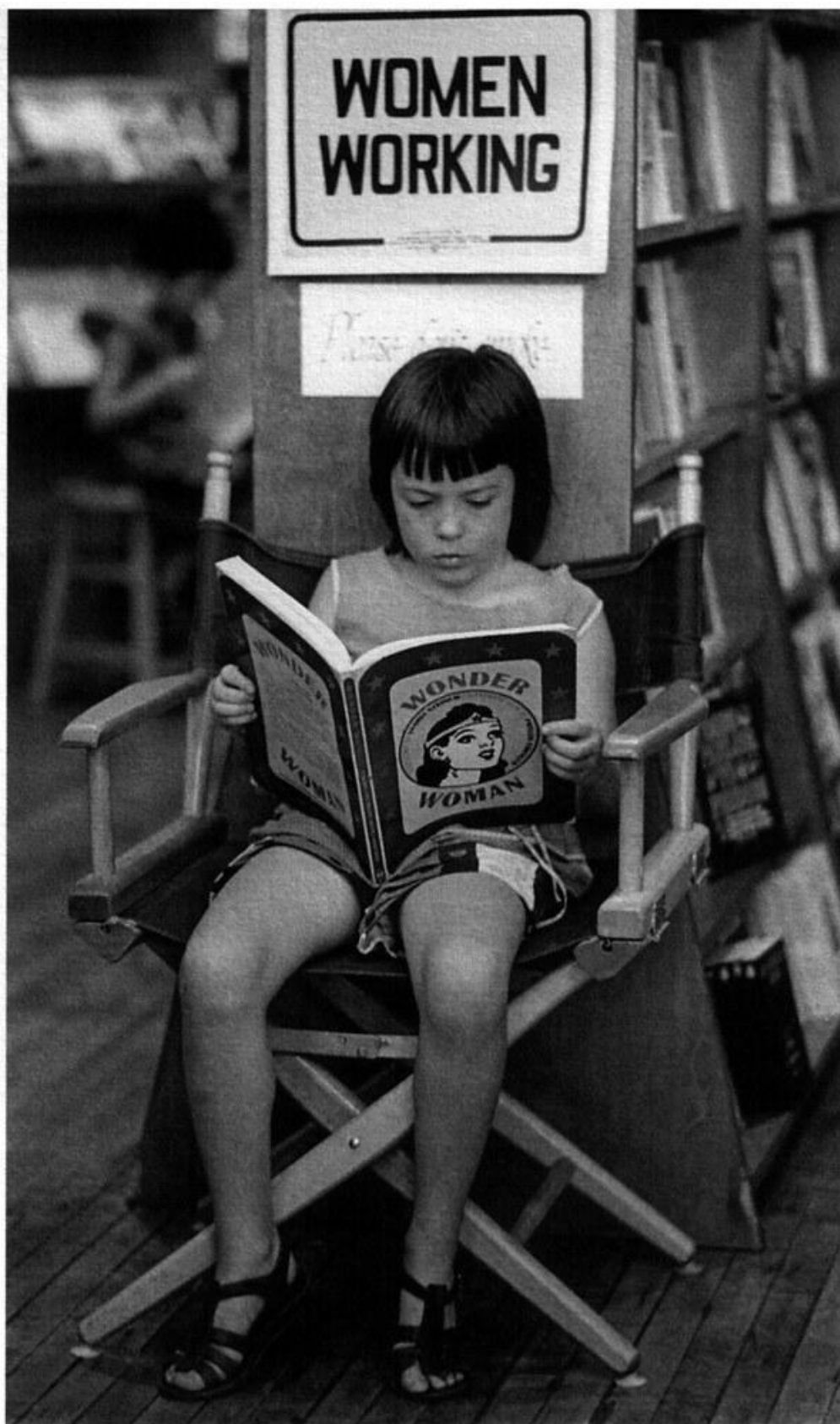
2024

CIP - Catalogação na Publicação

D237d DOS SANTOS, Aline Ferreira
Da origem do mito à adaptação: de Hipólita à criação da Mulher-Maravilha / Aline Ferreira DOS SANTOS. - Rio de Janeiro, 2024.
54 f.

Orientadora: Eliane Hatherly Paz.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social: Produção Editorial, 2024.

1. Amazonas. 2. Mulher-Maravilha. 3. Adaptação.
I. Hatherly Paz, Eliane , orient. II. Título.



Menina lendo a revista “Wonder Woman” em 1976. Fonte: Ellen Shub.

AGRADECIMENTOS

Concluída esta monografia, a primeira coisa que devo fazer é agradecer a todas as pessoas que me ajudaram direta e indiretamente a finalizá-la.

Começo agradecendo a Deus por ter me guiado e me dado forças até aqui.

Aos meus pais por me apoiarem e estarem sempre ao meu lado.

À minha orientadora Eliane Hatherly, que aceitou me orientar e apoiou o meu projeto até os últimos instantes.

Ao professor e coordenador do curso de Produção Editorial Mário Feijó, por sua valiosa contribuição para que eu pudesse concluir esta jornada.

Aos professores que conheci durante a graduação e que contribuíram para a minha formação profissional e cidadã.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro que, apesar de todas as dificuldades, segue oferecendo um ensino público, gratuito e de qualidade.

Em 1911, uma “amazona” queria dizer qualquer mulher rebelde – o que, para muita gente, significava qualquer moça que empacotasse suas coisas, saísse de casa e fosse para a faculdade. Chamavam-nas de “Novas Mulheres”. Elas queriam ser livres como os homens: todas amazonas (Lepore, 2017, p. 36).

DOS SANTOS, Aline Ferreira. **Da origem do mito à adaptação: de Hipólita à criação da Mulher-Maravilha**. Orientadora: Eliane Hatherly Paz. Rio de Janeiro, 2024. Monografia (Graduação Em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

É inegável que a Mulher-Maravilha tem como uma de suas principais referências a mitologia das amazonas, guerreiras lendárias que ficaram popularmente conhecidas por causa dos famosos mitos gregos. Ainda assim, Diana é a amazona mais famosa de todos os tempos, mesmo tendo sua origem nos quadrinhos dos anos de 1940 e não na Grécia Antiga. Com o objetivo de estudar como a evolução do mito das amazonas ocorreu ao longo do tempo, usamos como objetos de pesquisa os quadrinhos de George Pérez (*Lendas do Universo DC - Mulher-Maravilha* volumes 1 e 2), o livro de Monteiro Lobato (*Os Doze Trabalhos de Hércules*) e o filme *Mulher-Maravilha* de 2017. Também debatemos a transformação do significado da palavra mito, desde a sua origem como “história real” até chegar ao entendimento atribuído atualmente. Por fim, discutimos como a adaptação dessa mitologia para narrativas gráficas, literárias e audiovisuais transformou a imagem das amazonas na sociedade, de guerreiras tidas como “selvagens” na antiguidade ao símbolo da luta pelos direitos e igualdade das mulheres, tendo como foco a personagem que mudou o papel das heroínas na cultura pop – a Mulher-Maravilha.

Palavras-chave: amazonas; Mulher-Maravilha; adaptação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Capa da <i>Ms.</i> em 1972 (à esquerda) e em 2012 (à direita).....	16
Figura 2: <i>All Star Comics</i> #8, DC Comics, 1941	20
Figura 3: Da esquerda para a direita, Huntley, Byrne, O. A., Pete, Marston, Olive, Donn e Holloway	23
Figura 4: Mulher-Maravilha nº 1 (à esquerda) e Mulher-Maravilha para Presidente nº 7 (à direita).....	24
Figura 5: Página da seção <i>Wonder Women of history</i> , por Alice Marble	25
Figura 6: Capa da coleção <i>Lendas do Universo DC: Mulher-Maravilha</i> -Volume 1	28
Figura 7: DVD <i>Wonder Woman</i> , 1974	43
Figura 8: Lynda Carter como Mulher-Maravilha	44
Figura 9: Lynda Carter como Diana	45
Figura 10: Poster do filme <i>Mulher-Maravilha</i> de 2017	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O MITO	13
2.1 O valor do mito na atualidade	15
3 A ORIGEM DAS AMAZONAS.....	17
3.1 As amazonas brasileiras.....	19
4 A AMAZONA DE MARSTON	20
5 A RECONSTRUÇÃO MITOLÓGICA DE GEORGE PÉREZ	28
6 AS AMAZONAS DE LOBATO	34
7 DOS QUADRINHOS PARA AS TELAS	41
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

Criada por William Moulton Marston, a Mulher-Maravilha fez a sua primeira aparição nos quadrinhos em 1941. Em 2024, a heroína completou 83 anos desde o seu lançamento, tornando-se um dos poucos super-heróis cuja publicação jamais foi interrompida – um legado que se espalha por toda a cultura pop e cuja origem remonta aos antigos mitos gregos. Batizada por Afrodite como Diana¹, em homenagem à deusa romana da lua e da caça, a guerreira não foi a primeira super-heroína dos quadrinhos², mas foi a que mais causou impacto cultural e social, sendo a sua história parte da reconstrução de uma antiga mitologia, precisamente o mito das amazonas.

Nele, podemos encontrar relatos sobre mulheres que eram tão temidas quanto grandes heróis gregos. Mulheres que eram reverenciadas por sua força e coragem, mas, sobretudo, por sua destreza na arte da guerra. A lenda das amazonas atribuía às mulheres todas as características que em homens eram admiráveis: elas eram fortes, inteligentes e verdadeiras guerreiras. Todavia, eram sempre retratadas como mulheres “selvagens”, pois aos olhos dos homens gregos não se comportavam como as mulheres de seu povo.

Elas viviam em uma sociedade matriarcal, um lugar onde a figura masculina não tinha espaço; algo impensável na sociedade da Grécia Antiga e também na sociedade americana dos anos 1940, na qual a Mulher-Maravilha foi concebida. Entretanto, já nessa época, os movimentos feministas e sufragistas ao redor do mundo ganhavam cada vez mais adeptas, e as mulheres conquistavam mais direitos e espaço na sociedade, que ainda era patriarcal, mas que, aos poucos, foi sendo obrigada a ceder às pressões desse corpo social que se tornava cada vez mais relevante, principalmente em tempos difíceis como durante as guerras.

Impulsionado pelo movimento sufragista e feminista da época, Marston tomou emprestado muitos elementos da mitologia grega para criar suas mulheres imortais. Adaptando esses elementos, o autor trouxe para os quadrinhos uma história que transformaria o papel da mulher na cultura pop. Diana veio representar toda uma parcela da sociedade que ainda não se via retratada nos quadrinhos em um papel de protagonismo e empoderamento. A reconstrução que Marston fez do mito das amazonas trouxe para o *mainstream* a mitologia dessas mulheres e mudou a maneira como muitos leitores a enxergavam.

¹ Filha de Júpiter e Latona, Diana é a divindade romana da lua, da caça e da natureza. Ela corresponde à deusa Ártemis na mitologia grega.

² Fantomah de Fletcher Hanks era uma mulher imortal do Egito Antigo que poderia se transformar em uma criatura com superpoderes para combater o mal. Ela estreou na *Jungle Comics* #2 em fevereiro de 1940, pela editora Fiction House (Codespoti, 2005).

É importante lembrarmos que personagens como as rainhas Hipólita e Antíope nunca tiveram a mesma importância e reconhecimento que os heróis homéricos, mesmo sendo tão ou mais poderosas do que eles. Como uma forma de ressaltar a suposta superioridade patriarcal, as guerreiras, ainda que fossem tão incríveis quanto os heróis, eram sempre derrotadas por eles. Tidas como estrangeiras que estavam sempre em guerra com os outros povos, é assim que elas aparecem na maioria das histórias: como coadjuvantes de enredos alheios. Entretanto, tudo muda a partir da criação da Mulher-Maravilha.

Apoiado no mito grego, o autor traz uma nova roupagem para a história das guerreiras. Descritas como bárbaras em quase todas as obras nas quais são mencionadas, em sua versão as Amazonas ganham espaço para terem suas histórias desenvolvidas e contadas pelo ponto de vista delas mesmas. Adequando a história ao seu tempo, ao momento e à sociedade de sua época, é fácil observar como as bandeiras feministas e sufragistas, que já enxergavam na mitologia das Amazonas uma representação daquele que deveria ser o papel das mulheres na sociedade, são utilizadas na construção da Mulher-Maravilha.

Ao trazer Diana como sua protagonista, ele finalmente cria o elo que liga a narrativa clássica ao mundo contemporâneo. As Amazonas tornam-se, enfim, as protagonistas de sua própria história. Contudo, antes de nos debruçarmos sobre a origem das Amazonas e entender como essa história culminou na criação de um dos maiores símbolos da cultura pop, vamos começar pelo princípio, entendendo o que é um mito.

2 O MITO

De acordo com o dicionário etimológico da língua portuguesa, de Antônio Geraldo da Cunha (2010), a palavra “mito” vem do Grego *mythos*, que significa contar, narrar, falar alguma coisa para outros, anunciar, nomear ou designar. Ainda segundo o dicionário, o radical também deu origem à palavra “mitologia”, que significa o estudo dos mitos, conjunto de lendas e mitos próprios de um povo. Na Grécia Antiga, os gregos acreditavam nas narrações míticas, pois confiavam nos narradores – os rapsodos³, pessoas de alta confiabilidade naquela sociedade. Modernamente, a acepção está mais atrelada aos termos invenção, lenda ou relato imaginário.

Os gregos nos apresentaram esse conceito e, como veremos a seguir, também foram eles que redefiniram tudo o que nós sabemos sobre mito. Acredita-se que, até o século XIX, os eruditos estudavam o mito por uma perspectiva bem diferente da que é estudada hoje. Diferentemente do conceito que temos atualmente, em que o mito é tratado como fábula, invenção e até mesmo ficção, há alguns séculos os estudiosos acreditavam na acepção de mito exatamente como os antigos povos conceberam seu sentido: como histórias verdadeiras. Ou seja, seriam relatos que não tratavam apenas de feitos heroicos, deuses e titãs, mas que eram, sobretudo, histórias de origem, que contavam a ascendência de tais povos. Segundo Mircea Eliade (1972), a definição mais ampla e menos imperfeita da palavra seria:

O mito conta uma história sagrada: ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, uma narrativa de “criação” (Eliade, 1972, p. 9).

Para os estudiosos da Grécia Antiga, o mito era muito mais do que apenas uma história: ele guiava e inspirava a poesia épica, a tragédia, a comédia, e também as artes plásticas de todo um povo. As primeiras epopeias gregas, a *Ilíada* e a *Odisséia*, revelam esse caráter mítico no sentido mais amplo da palavra. Afinal, todos os seus principais heróis têm como ancestrais uma ou mais divindades, além de serem descendentes das famílias mais nobres da época. Na *Ilíada*, podemos observar como os deuses lutam lado a lado de seus

³ Os rapsodos eram intérpretes da poesia grega nos séculos VII a.C. Eles recitavam e cantavam nos festivais de rapsódia (as Panatenéias), declamando alguns poemas para o público, sobretudo os famosos poemas homéricos.

preferidos, tomam parte em suas escolhas, assim como traçam seus destinos, sem nenhum consentimento dos homens.

Entretanto, nas palavras de Mircea Eliade (1972, p. 106), “a cultura grega foi a única a submeter o mito a uma longa e penetrante análise, da qual ele saiu radicalmente ‘desmitificado’”. Para o autor, desde os tempos de Xenófan⁴, os gregos já haviam redefinido o significado de mito e rejeitado as expressões mitológicas usadas por Homero e Hesíodo.

Os gregos foram lentamente desconfigurando o *mýthos* de todo o valor religioso e metafísico. Já os primeiros filósofos recusaram-se a ver nas descrições de Homero a verdadeira divindade, de maneira que, para Eliade (1972), qualquer interpretação que possamos fazer sobre o mito grego vai ser condicionada pela crítica dos racionalistas gregos (Hessen, 2003); afinal, foram eles que mudaram a forma como enxergamos hoje esse conceito.

A principal crítica dos racionalistas aos deuses de Homero e Hesíodo é que eles eram divindades caprichosas e injustas, além, é claro, da “conduta imoral”, algo inaceitável perante a ideia de um deus mais elevado que vinha se firmando cada vez mais. Essa crítica era principalmente à antropomorfização pela qual os deuses passavam: para eles, um deus não poderia ser injusto, ciumento e vingativo. Havia uma concepção de divindade que estaria acima de todas as outras, cuja natureza não poderia se assemelhar à dos homens. Esta ideologia acabou ganhando mais força com o triunfo da apologia cristã em todo o mundo Greco-Romano.

Mas não eram apenas os gregos que acreditavam em mitologias. Os mitos exerceram grande influência em todas as maiores civilizações do mundo, sendo que tais histórias determinaram e legitimaram governos, estruturas sociais e até mesmo o destino de um povo. Para os romanos, todas as vidas romanas se encontravam sob a proteção dos deuses e, por isso, a manifestação de gratidão aos patronos sobrenaturais é o motivo das construções de templos tão opulentos na Roma Antiga.

Já para os egípcios, o faraó era um ser divino, um deus na terra e, por isso, merecia ser servido. Enquanto que, na cultura hindu, Brahma é o deus criador e, ao lado de Shiva e Vishnu, compõe a trindade sagrada do hinduísmo. Dele surgiram as quatro principais castas da sociedade indiana: os Brâmanes, os Xátrias, os Vaixás e os Sudras. Pela crença religiosa

⁴ Xenófan⁴ (570 a.C. – 475 a.C.) foi um filósofo, poeta e sábio da Grécia Antiga, um dos mais importantes filósofos da escola eleática. Junto com Parmênides e Zenão, foi classificado como filósofo pré-socrático, uma vez que a filosofia grega se centralizou na figura de Sócrates.

em tais divindades ser um dos aspectos mais fortes da cultura indiana, o papel das castas foi, durante muito tempo, um denominador do papel social de um indivíduo nesta sociedade.

2.1 O valor do mito na atualidade

Se antigamente o mito era o único elemento que poderia explicar “tudo”, desde o lugar de uma pessoa na sociedade até seu desempenho nela, esta interpretação, ao longo dos tempos, foi perdendo a força, e as histórias de Hesíodo e Homero começaram a ser substituídas por dissertações filosóficas. Estes textos, que começaram a surgir neste período, faziam referência a fatos que aconteciam no cotidiano das pessoas e situações que foram vividas, exigindo do texto uma ligação com a verdade.

O mito, que era lido como algo que aconteceu em épocas anteriores, não está em vias de poder ser comprovado pela experiência. Esse fato criou certa suspeita quanto ao seu conteúdo, pois, quem poderia dar alguma certeza de que aquilo que estava sendo dito ou escrito sobre os deuses e sobre a criação do mundo, de fato acontecera daquela maneira. Assim, os escritos míticos foram aos poucos perdendo os seus valores iniciais e apenas considerados como lendas ou fábulas, o que, aliás, se pensa atualmente sobre os mitos antigos (Seleprin, 2022, p. 7).

O mito também tinha a função primordial de estabelecer regras e paradigmas de conduta comportamentais de como os gregos deviam agir com os seus semelhantes e também com relação aos próprios deuses. Modernamente, o mito em si é tido como outra construção narrativa: ainda é um relato de origem, porém fabuloso, inventivo, uma história que se oporia à realidade de como os fatos realmente sucederam.

Segundo Seleprin (2022), essa concepção de mito que temos hoje é puramente uma herança da cultura ocidental, ou seja, o mito nos é apresentado como aquilo que não é, opondo-se ao real e ao racional. Contudo, a influência do pensamento mítico ainda é muito forte na nossa sociedade. A palavra se esvaiu de seu primeiro significado, mas a percepção dessas estruturas míticas comportamentais ainda hoje é propagada na sociedade como um todo.

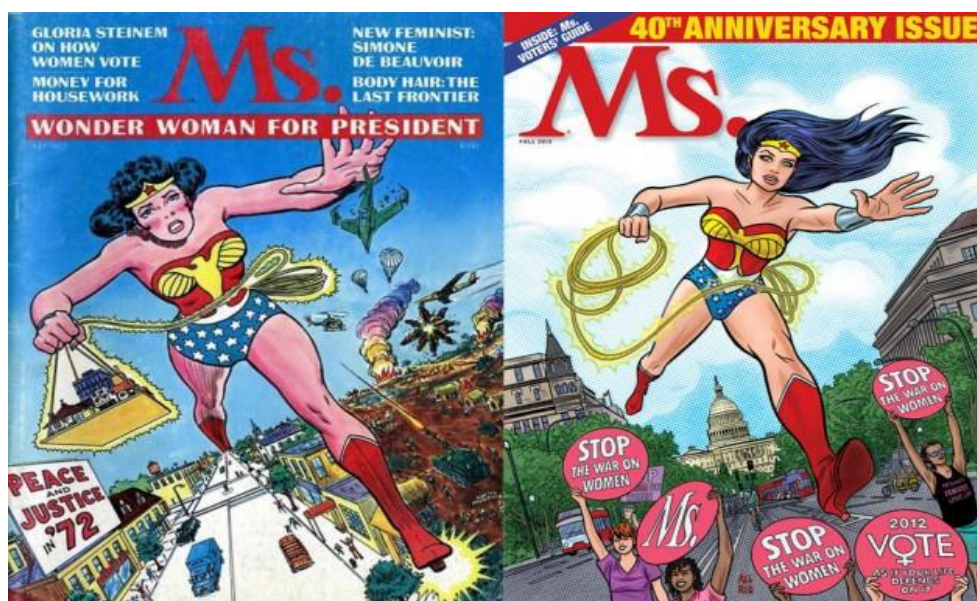
Para o autor, um exemplo seria a obsessão pelo sucesso, representada na sociedade pelos heróis míticos modernos, que revelam o desejo das pessoas de transcender sua condição humana, que ainda está, de alguma maneira, enraizado na nossa cultura. Camuflados ou não, eles ainda ditam mais aspectos em nossa vida do que podemos imaginar. Hoje em dia, não

construímos um mito para contar a origem de um povo, mas as construções de um mito ainda são usadas para se criar valores dentro de uma sociedade.

Desta maneira, em 1972, quando a revista *Ms.* trouxe na sua primeira edição a chamada *Mulher-Maravilha para Presidente*, com a personagem de Marston estampada em sua capa, o que se buscava era criar uma ligação entre o feminismo de 1910 e o dos anos 1970, usando a representação simbólica da amazona. A capa (Figura 1) é um dos maiores marcos da *Ms.*, porque teve um impacto cultural enorme naquela época para um periódico. Ela não apenas divulgou a publicação, como vinculou definitivamente a imagem da princesa amazona ao movimento feminista.

A repercussão deste lançamento também fez com que a Mulher-Maravilha retomasse seu visual original, já que, após a morte de Marston, a personagem foi perdendo aos poucos a sua essência. Em 2012, em comemoração aos 40 anos da revista *Ms.*, a publicação fez uma nova homenagem à sua amazona favorita com uma releitura da capa original. As Amazonas eram uma verdadeira inspiração para as feministas e sufragistas daquele tempo, que enxergavam nessas guerreiras um exemplo do que gostariam e queriam ser, mas que, devido às amarras sociais, não podiam. Elas acreditavam que antes da ascensão do patriarcado havia existido outro tipo de sistema social que havia durado muitos séculos, conhecido como matriarcado⁵ ou ginecocracia⁶.

Figura 1: Capa da *Ms.* em 1972 (à esquerda) e em 2012 (à direita)



Fonte: Faria (2016).

⁵ Sociedades que foram social, econômica, política e culturalmente criadas por mulheres.

⁶ Governo das mulheres; predominância das mulheres no governo.

3 A ORIGEM DAS AMAZONAS

Podemos dizer que as feministas não estavam exatamente erradas, as amazonas estão por todos os lugares na cultura helênica, desde as epopeias homéricas, passando pelas artes plásticas, chegando até mesmo aos anais de histórias de autores como Heródoto e Diodoro Sículo. Foi por meio desses relatos que as amazonas se tornaram parte do imaginário popular.

É preciso que se diga que em muitas culturas e povos existem lendas e até mesmo relatos e registros históricos sobre mulheres guerreiras que viviam em sociedades matriarcais, e cujo costume e cultura as diferenciavam das outras mulheres de sua época. Contudo, a história mais conhecida e influente sobre tais mulheres repousa na cultura grega, na qual conhecemos as amazonas.

Uma informação que devemos pontuar é que o nome “amazona” tem uma das etimologias mais controversas entre os mitos gregos, e até hoje não podemos afirmar qual seria o seu verdadeiro significado. Entre as principais hipóteses, ele seria uma derivação do gentílico iraniano *ha-mazan*, que significaria originalmente “guerreiras”. Outra tese diz que o termo “amazona” vem de *mázos* (seio) antecederida pelo prefixo *alpha* (a, em grego), que indica ausência. Em algumas línguas o termo é interpretado como “sem seio”, já que em algumas versões do mito as amazonas cortavam um dos seios para melhor manejar os arcos – hipótese que muitos teóricos contestam, pois não há nenhuma representação artística na antiguidade que retrate esta característica singular. Heródoto também menciona, em sua obra *Histórias*, que os citas as chamavam de *aiórpatas*, nome que os gregos traduziram para *andróctones* e cujo significado era “que matam homens” (Heródoto, 2006, p. 322).

Sabemos que quando Heródoto escreveu sobre as amazonas em seu livro *Histórias*, no ano 450 a.C., a lenda de tais mulheres já existia, sendo que estava presente em várias passagens da mitologia grega e até mesmo na *Ilíada* de Homero, que conta a Guerra de Troia. Na mitologia grega, as guerreiras tinham uma origem mítica e descendiam diretamente do deus da guerra Ares⁷. O historiador grego descreve-as como guerreiras que estavam sempre travando batalhas com outros povos e cujos costumes entravam em conflito com o dos gregos.

Não poderíamos — responderam as Amazonas — viver em boa harmonia com as mulheres do vosso país. Seus costumes são diferentes dos nossos: atiramos com o arco, lançamos o dardo, montamos a cavalo e não aprendemos os misteres próprios do nosso sexo. Vossas mulheres nada disso

⁷ Na mitologia grega, Ares é o deus da guerra. Filho de Zeus e Hera, é uma das divindades mais importantes da cultura greco-romana.

fazem e não se ocupam senão de trabalhos femininos. Não abandonam suas carretas, não vão à caça e nem se afastam do lar. Por conseguinte, nossa maneira de viver jamais se coadunaria (Heródoto, 2006, p. 351 *apud* Oliveira, 2018, p. 3).

Para Hartog (2014, p. 246-247 *apud* Oliveira, 2018, p. 3), a escolha das amazonas pelas atividades pretendidas masculinas e a recusa ao matrimônio excluía duplamente os homens, já que elas mesmas iam à caça, lutavam as suas guerras e estabeleciam seu próprio tipo de governo, sendo uma inversão completa da sociedade patriarcal grega, na qual o espaço público era essencialmente um lugar de homens.

A lenda de tais mulheres percorreu toda a historiografia e a arte plástica greco-romana desde a antiguidade até o período moderno. Porém, a narrativa mais famosa sobre as amazonas é aquela em que, ao lado de Hércules, o herói mais famoso de toda a cultura grega, protagonizam uma das histórias mais conhecidas de todos os tempos: *Os Doze Trabalhos de Hércules*.

Em sua nona tarefa, o herói é mandado para as margens do Mar Negro para buscar o cinturão da rainha das amazonas. Segundo o mito, Hércules levou um exército junto consigo nessa ocasião; mas nunca precisaria dele se Hera⁸ não tivesse criado problemas. Quando chegou na cidade das amazonas, a rainha Hipólita se dispôs a presentear-lo com o cinturão, mas Hera, sentindo que estava sendo fácil demais, espalhou um boato de que Hércules pretendia levar a própria rainha, iniciando-se aí uma sangrenta batalha. Hércules conseguiu escapar com o cinturão, mas após duros combates e muitas mortes: “Hipólita concordou em entregar-lhe o Cinturão, mas Hera, disfarçada numa Amazona, suscitou grave querela entre os companheiros do herói e as habitantes de Temiscira. Pensando ter sido traído pela rainha, Hércules⁹ a matou” (Brandão, 1987, p. 105).

Segundo Graves (2018), em outra versão, conta-se que Teseu¹⁰ teria capturado Hipólita e presenteado o seu cinturão a Hércules, que, em troca, permitiu-lhe levar Antíope como escrava. Ou ainda que Hipólita se negou a entregar a Hércules o seu cinturão e ambos travaram uma batalha campal, onde ela foi derrubada de seu cavalo e ele se lançou sobre ela, clava na mão, oferecendo-lhe uma trégua, mas ela preferiu morrer a render-se.

Essas foram algumas das versões do nono trabalho de Hércules, e assim como o herói grego, as amazonas tornaram-se parte do imaginário cultural e popular de diversos povos. Não

⁸ Na mitologia grega, Hera era esposa de Zeus e, por isso, tida como a rainha dos deuses. Vingativa e ciumenta, a deusa persegue todas as amantes e filhos de seu esposo.

⁹ Hércules é o nome grego dado a Hercules.

¹⁰ Filho de Egeu, rei de Atenas, Teseu é um herói grego muito conhecido por ter matado a lendária criatura chamada Minotauro.

demorou muito para que tal mitologia também encontrasse no Brasil alguma ressonância com as histórias que por aqui já existiam.

3.1 As amazonas brasileiras

A mitologia das amazonas contava a história de mulheres guerreiras, que viviam em uma ilha paradisíaca, por escolha própria, longe da influência e da cobiça dos homens. Em 1542, o Brasil, como colônia recém-descoberta, soava como o lugar perfeito para uma lenda como essa. Lugar que, mais tarde, em homenagem a tais mulheres, daria o nome de Amazonas à maior bacia hidrográfica do mundo e ao maior estado brasileiro.

Conta-se que quando expedicionários europeus percorriam o rio *Nhamundá*, na divisa do que hoje são os estados do Pará e do Amazonas, encontraram às margens do rio um grupo de mulheres indígenas guerreiras com quem lutaram. Elas eram mulheres altas, musculosas, de pele clara, cabelos compridos e negros, como assim descreveu o frei espanhol Gaspar de Carvajal¹¹, que fazia parte da expedição. Elas lembraram os europeus das lendárias amazonas da mitologia grega e, assim, logo foi feita a associação entre elas.

Elas viviam isoladas e não permitiam a presença de homens na tribo e, para afastá-los, lutavam com arcos e flechas. Eram conhecidas pelo nome de Icamiabas, que tal qual o nome amazona, significa “a que não tem seio”. A lenda das Icamiabas é tão conhecida e famosa na região amazônica que está associada também à lenda do Muiraquitã¹².

Conta-se que uma vez por ano as Icamiabas recebiam, durante uma noite, os guerreiros de outras tribos como se fossem seus maridos. Serviam um banquete e logo depois banhavam-se no lago Espelho da Lua. De lá retiravam um barro verde e com ele faziam amuletos de animais das mais variadas formas, como sapos, peixes e tartarugas. Os amuletos eram dados aos guerreiros com quem tinham dormido, que os penduravam em seu pescoço para dar sorte. Se alguma mulher da tribo engravidasse e nascesse um menino, entregavam aos pais para criá-los; mas se fosse uma menina, ficavam com ela.

Não se sabe se essa lenda é real, assim como também não sabemos se tais guerreiras existiram. Mas elas estão presentes em diversos relatos de colonizadores espanhóis, assim como no imaginário coletivo dos povos da região.

¹¹ Gaspar de Carvajal foi um padre dominicano espanhol que fez parte da expedição do explorador Francisco de Orellana pelo rio Amazonas. Sobre a expedição ao Brasil, escreveu o livro *Relación del nuevo descubrimiento del famoso río Grande que descubrió por muy gran ventura el capitán Francisco de Orellana*.

¹² Muiraquitãs são pequenos amuletos feitos de pedra por povos indígenas amazônicos com intuito de protegê-los contra doenças e infertilidade. Feitos de pedras verdes, como jade, eles são considerados sagrados e sua história é cercada de lendas.

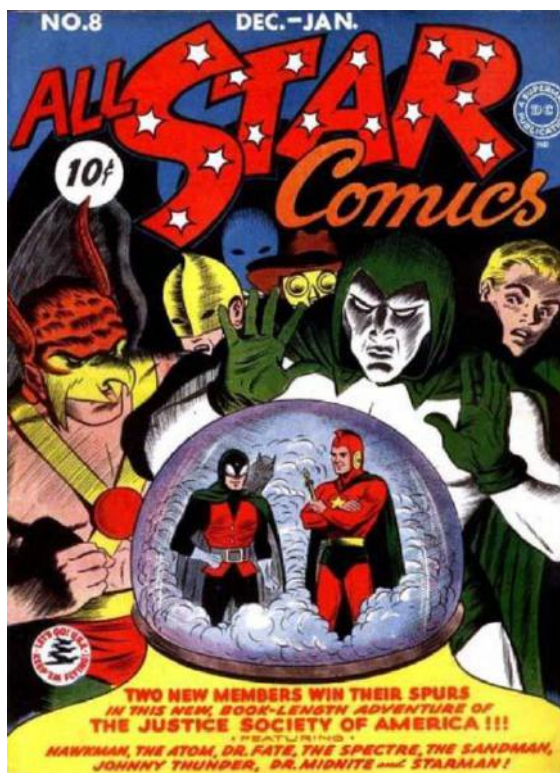
4 A AMAZONA DE MARSTON

Apesar de existirem tantas lendas e histórias sobre tais mulheres guerreiras, não havia uma figura central que pudesse representá-las na cultura pop, pelo menos não até 1941. Naquele ano, a revista *All Star Comics* número 8 (Figura 2), em uma história de nove páginas chamada *Apresentando a Mulher-Maravilha* traz Hipólita explicando para Diana qual é a origem das amazonas:

Nos tempos da Grécia Antiga, muitos séculos atrás, nós, amazonas, éramos a nação mais avançada do mundo. Em Amazonia, as Mulheres governavam e tudo ia bem. Um dia, Hércules, o homem mais forte do mundo, não suportando os que o provocavam dizendo que não poderia conquistar as amazonas, selecionou os mais fortes e cruéis entre seus guerreiros e desembarcou nas nossas margens. Desafiei-o ao combate pessoal – porque eu sabia que com meu CINTURÃO MÁGICO, que me foi dado por Afrodite, deusa do amor, eu não teria como perder (Lepore, 2017, p. 245).

O que Hipólita não sabia é que Hércules acabaria tramando para roubar o seu cinturão, e assim escravizar todas as amazonas. Entretanto, com a ajuda de Afrodite, elas conseguem fugir e se estabelecer na Ilha Paraíso.

Figura 2: *All Star Comics* #8, DC Comics, 1941



Fonte: Lepore (2017).

Pelas mãos de William Marston, a cultura pop conheceu aquela que veio a ser a heroína de quadrinhos mais famosa de todos os tempos. Tirando o Superman e o Batman, não existe personagem que tenha durado mais. A origem da Mulher-Maravilha também está atrelada à mitologia mais *girl power*¹³ e feminista que já existiu: a história das amazonas.

O Superman pulou prédios pela primeira vez em 1938. O Batman começou a espreitar as sombras em 1939. A Mulher-Maravilha aterrissou seu avião invisível em 1941. Era uma amazona, nascida em uma ilha de mulheres que viviam afastadas de homens desde a Grécia Antiga. Ela fora aos Estados Unidos para lutar pela paz, pela justiça e pelos direitos femininos. Tinha braceletes de ouro; podia ricochetear balas. Tinha um laço mágico; quem ela enlaçasse era obrigado a contar a verdade. [...] Seus deuses eram deusas, e suas interjeições refletiam isso. “Grande Hera!”, gritava. “Safo sofredora”, praguejava. Ela seria a mulher mais forte, mais inteligente e mais corajosa que o mundo já vira (Lepore, 2017, p. 12).

Para os jovens leitores da época, esta poderia parecer uma história totalmente inédita. Entretanto, para Lepore (2017), a história dos gibis havia saído direto das páginas de ficção utopista e feminista dos anos 1910. Afinal, Diana não era apenas uma princesa amazona: ela não se parecia com uma personagem feminina típica dos quadrinhos, justamente porque seu criador não era um homem comum.

William Moulton Marston foi um pesquisador, professor, cientista, psicólogo, advogado e cineasta. Todas estas formações, de alguma maneira, fizeram parte da construção da sua criação mais famosa: a Mulher-Maravilha. Entretanto, ainda que não seja lembrado por isso, Marston também é o inventor do detector de mentiras, que, posteriormente, inspirou o laço da verdade que Diana sempre carrega consigo.

Durante a juventude de Marston, histórias sobre as amazonas estavam em todo lugar. Em 1911, em plena luta do movimento sufragista pelo direito feminino ao voto, o nome “amazona” era sinônimo de mulher rebelde – “o que, para muita gente, significava qualquer moça que empacotasse suas coisas, saísse de casa e fosse para a faculdade. Chamavam-nas de ‘Novas Mulheres’. Elas queriam ser livres como os homens: todas amazonas” (Lepore, 2017, p. 36). Entre essas “Novas Mulheres” estavam Sadie Holloway e Olive Byrne, as companheiras de Marston e as mulheres que foram a inspiração da Mulher-Maravilha.

Sadie Elizabeth Holloway nasceu em 1893 na Ilha de Man, mesmo ano de nascimento de Marston. Ela foi a primeira mulher em quatro gerações de Holloway, e quando se formou

¹³ “Girl power” é uma expressão cultural ligada à terceira onda do feminismo, que representa o poder feminino. O termo tornou-se popular por causa das Spice Girls em meados da década de 1990.

no ensino médio foi mandada por sua mãe para a Mount Holyoke College de South Hadley, Massachusetts – a primeira faculdade para mulheres dos Estados Unidos. Graduou-se em Psicologia pelo Mount Holyoke em 1915 e em Direito pela Universidade de Boston em 1918, sendo uma das três mulheres graduadas pela escola de Direito daquele ano.

Mais tarde, bem mais tarde, Sadie Holloway, uma moleca esperta da Ilha de Man, viria a escrever um memorando explicando quais exclamações a Mulher-Maravilha, uma amazona da ilha das mulheres, devia e não devia usar. Evitar: “Martelo de Vulcano!” Preferir: “Safo Sofredora!” (Lepore, 2017, p. 43).

Já Olive Byrne era filha de Ethel Byrne e sobrinha de Margaret Sanger, ativistas que abriram a primeira clínica de controle de natalidade nos Estados Unidos. Marston fora seu professor de Psicologia na Universidade de Tufts e de quem ela se aproximou após trabalhar como sua assistente de pesquisa. Após sua formatura em 1926, ela foi trabalhar e morar com Holloway e Marston em Connecticut.

Olive Byrne casou-se com William K. Richard, de Los Angeles, em 21 de novembro de 1928, quando tinha 24 anos. Ficou com o nome dele e passou a se chamar Olive Richard. O primeiro filho do casal, Byrne Holloway Richard, nasceu em 12 de Janeiro de 1931. Outro menino, Donn Richard, nasceu em 20 de setembro de 1932. Pouco tempo depois, conforme ela disse aos filhos, o pai deles havia morrido. [...] Estranhamente, ela não tinha uma foto sequer do marido (Lepore, 2017, p. 181).

Olive não tinha fotos de seu marido porque ele nunca existiu: o pai de seus filhos era Marston. Com suas duas mulheres, ele constituiu uma família e passou anos vivendo um relacionamento polígamo. Sua história familiar era digna de um roteiro de ficção de Hollywood, e o inventor do detector de mentiras tornou-se o maior mentiroso de todos.

Figura 3: Da esquerda para a direita, Huntley, Byrne, O. A., Pete, Marston, Olive, Donn e Holloway



Fonte: Lepore (2017).

Apesar de ser uma figura contraditória, Marston deu vida à heroína que viria a inspirar gerações de meninas a lutarem pelos seus direitos e a se enxergarem em outros papéis que não fossem apenas aqueles relegados às mulheres de sua época. Muito de sua personagem foi inspirado nas mulheres com as quais ele formou uma família: elas tiveram uma grande influência sobre o que era escrito e como seria a personalidade de Diana.

Para Robinson (2004 *apud* Castro, 2011, p. 10), “A criação da Mulher-Maravilha de Marston utiliza-se de um tipo particular de gênero narrativo: o épico modernizado. Revisita a mitologia grega, adaptando-a a seus interesses narrativos”.

Sua fonte principal é o mito das Amazonas. Se hoje atribuímos às Amazonas um valor positivo, isso se deve em grande parte ao trabalho de Marston na criação da MM. Segundo o mito original das Amazonas, estas teriam sido guerreiras com poderes extraordinários para mulheres. Viviam da caça e da guerra e em companhia só de mulheres. Ao mesmo tempo em que admiradas por seus poderes incomuns, eram também temidas por não aceitarem os papéis tradicionais de mãe e esposa. Para o imaginário popular grego eram mulheres selvagens e desqualificadas. Marston inverte o valor do mito,

dando-lhe um caráter positivo e edificante ao associar-lhe à origem da Mulher-Maravilha (Castro, 2011, p. 10).

Seu lema era a luta pela liberdade, pela democracia e pelas mulheres do mundo. Em suas histórias, Diana criou uma faculdade exclusiva para meninas – a “Wonder Woman College” – e tornou-se Presidente dos Estados Unidos. O sucesso não demorou para refletir-se em números, e a criação da personagem foi o primeiro triunfo concreto do autor. Em julho de 1942, a Mulher-Maravilha torna-se a primeira super-heroína a ganhar a sua própria revista em quadrinhos, chegando à marca de meio milhão de exemplares em sua terceira edição.

Figura 4: Mulher-Maravilha nº 1 (à esquerda) e Mulher-Maravilha para Presidente nº 7 (à direita)



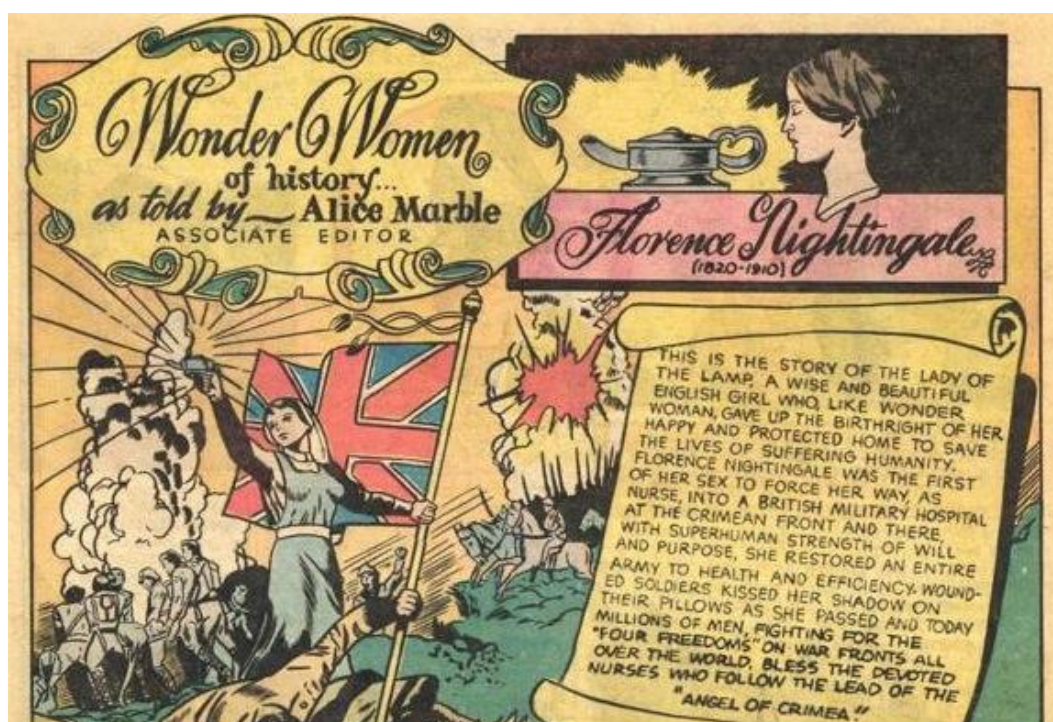
Fonte: Lepore (2017).

Marston acreditava que a sua criação mais famosa poderia servir como uma propaganda feminista, já que a sua História em Quadrinhos (HQ) “era pensada para registrar um grande movimento em curso – o crescimento do poder da mulher” (Lepore, 2017, p. 234). Em sua primeira edição solo, além de Diana, seus leitores foram apresentados a outras mulheres incrivelmente fantásticas e reais, as *Mulheres-Maravilha da História: uma biografia feminista*. A seção de quatro páginas vinha dentro do gibi da Mulher-Maravilha e surgiu graças à iniciativa de Alice Marble, que naquela época era a maior tenista do mundo e uma grande fã da Mulher-Maravilha. Ela sugeriu ao então diretor da DC Comics, Maxwell Charles

Gaines, que eles também escrevessem sobre as Mulheres-Maravilha da vida real, mulheres que fizeram história.

Como você pode perceber na própria experiência de vida, escreveu Marble, mesmo neste mundo emancipado, as mulheres ainda têm muitos problemas e ainda não atingiram todo o seu potencial de crescimento e evolução. A Mulher-Maravilha simboliza pela primeira vez que esta ousadia, esta força e engenhosidade são destacadas como qualidades femininas. Isto só poderá ter efeito sobre a mente daqueles que hoje são meninos e meninas (Lepore, 2017, p. 273).

Figura 5: Página da seção *Wonder Women of history*, por Alice Marble



Fonte: Lepore (2017).

Esta era uma forma clara de criar uma identificação entre os leitores e a personagem, e mostrar às crianças que existiam muitas outras mulheres de grandes feitos, tal como Diana; mulheres reais e sobre as quais os seus leitores também deveriam conhecer e se inspirar. As *Mulheres-Maravilha da História* eram cientistas, escritoras, políticas, médicas e aventureiras, como: Marie Curie, Joana D'arc, Florence Nightingale, Amelia Earheart, Sacagawea, Dorothea Dix, Nellie Bly e Fanny Burney. Anúncios na revista da Mulher-Maravilha também destacavam a importância de celebrar a história dessas mulheres.

Gaines enxergou, então, a oportunidade de tornar a sua personagem ainda mais conhecida, e distribuiu centenas e milhares de exemplares de *Mulheres-Maravilha da História*

nas escolas. Ela era tudo que um herói deveria ser: patriota, pois suas vestes remetiam às cores da bandeira nacional; e odiava a guerra, mas lutava pela democracia. Parecia a história certa para inspirar e divertir as crianças.

Entretanto, em 1942, a Organização Nacional pela Literatura aboliu as histórias da *Sensations Comics* da sua lista de leituras e, com isso, a Mulher-Maravilha foi banida junto, sob o pretexto de não estar “decorosamente vestida”. Esta era apenas a faísca do retrocesso que viria a estourar no início dos anos 1950.

Dezenas de cidades e estados, no final dos anos 1940, haviam promulgado leis que proibiam ou restringiam a venda de revistas em quadrinhos. Ainda assim, durante muito tempo, a Mulher-Maravilha foi um grande sucesso de vendas da DC Comics e a principal heroína dos quadrinhos. Entretanto, em 1954, o psicanalista judeu-alemão Dr. Frederic Wertham lançou o livro *Seduction of the Innocent*, no qual acusava as histórias em quadrinhos de serem prejudiciais à educação das crianças.

Seu trabalho teve um grande impacto na sociedade da época e, por causa da campanha contra os quadrinhos, muitos heróis foram aposentados ou remodelados. O resultado de tudo isso foi a criação do *Comics Code Authority*¹⁴. Segundo sua tese, essas histórias estimulavam a violência e comportamentos sexuais desviantes. Como já era de se esperar, a Mulher-Maravilha era um dos personagens mais odiados por Wertham. Ele identificava nas histórias da heroína a existência de uma relação lésbica entre a Mulher-Maravilha e suas ajudantes na trama. A relação entre as personagens femininas era interpretada pelo psicanalista como um incentivo ao lesbianismo.

Ela é fisicamente muito poderosa, tortura homens, tem sua própria seguidora feminina, é a mulher cruel, “fállica”. Enquanto ela é uma figura ameaçadora para os meninos, ela é um ideal não desejável para as garotas, sendo exatamente o oposto de que se supõe que as garotas devam querer ser (Wertham *apud* Castro, 2011, p. 12).

De acordo com Lepore (2017), após a morte de Marston em 1947, a personagem passou por diversas mudanças. Robert Kanigher foi escolhido pelo então diretor da DC Comics, Jack Liebowitz, para comandar o quadrinho da Mulher-Maravilha. Com controle total sobre a obra, ele assumiu o cargo duplo de roteirista e editor. O problema é que Kanigher odiava tudo o que a personagem representava, e logo tratou de descaracterizá-la. Em suas

¹⁴ *Comics Code Authority* [Código de Censura das HQs], era um selo de aprovação que as histórias em quadrinhos precisavam ter para circular nas bancas. Ele proibia insinuações sexuais, imagens violentas, histórias de terror, entre outros temas.

mãos, a Mulher-Maravilha perdeu seus poderes, virou babá, modelo, estrela de cinema e uma jovem louca para se casar. O encarte *Mulheres-Maravilha da História* foi abandonado e substituído por uma série sobre casamentos, chamada “Matrimônio à la mode”.

Marston havia contado com a sorte de criar a sua personagem durante os anos 1940, quando os movimentos feministas ainda convergiam com os interesses políticos da época. As conquistas femininas ainda eram poucas e recentes, mas lentamente as mulheres começavam a ganhar espaço e ocupar lugares no mercado de trabalho. Entretanto, no início dos anos 1950, a América pós-guerra já não precisava mais da independência feminina. De acordo com Castro (2011), uma mudança política e social, atrelada a uma forte propaganda midiática, conclamou a volta das mulheres aos papéis domésticos e tradicionais de esposa e mãe.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, entretanto, os esforços da indústria, do governo e da mídia convergiram para forçar o recuo das mulheres. Dois meses depois de a vitória americana ser declarada no exterior, as mulheres estavam perdendo a sua cabeça-de-ponta econômica com a demissão de 800 mil trabalhadoras da indústria aeronáutica; até o fim do ano, 2 milhões de trabalhadoras haviam sido afastadas da indústria pesada. Os empregadores ressuscitaram proibições contra o emprego de mulheres casadas ou impuseram tetos para os salários das trabalhadoras; o governo federal propôs pagar salário-desemprego somente aos homens, fechou os seus serviços de creche e defendeu o “direito” dos veteranos de ocuparem o lugar de mulheres que trabalhavam. Uma coalizão antiemenda juntou suas forças, inclusive o *Women's Bureau*, 43 organizações nacionais e o Comitê Nacional de Combate à Emenda dos Direitos Desiguais. Pouco tempo depois eles acabariam com a emenda – uma sentença de morte que o *New York Times* exaltou no seu editorial. “A maternidade não pode ter emendas e ficamos contentes que o Senado nem tenha tentado aprová-la”, proclamou o jornal. Quando a ONU emitiu um parecer a favor da igualdade de direitos para as mulheres em 1948, de 22 países americanos, os EUA foram o único que não quis assinar (Faludi, 2001 *apud* Lima, 2015, p. 5).

A descaracterização da personagem se estendeu até meados dos anos 1970, quando aos poucos Diana foi fazendo o seu retorno para o mundo grego, logo após a reconfiguração do universo da DC com o arco¹⁵ *Crise nas Infinitas Terras*¹⁶.

¹⁵ “Arco” é uma história contada em vários episódios. Hoje em dia, a maioria dos quadrinhos têm seus arcos nomeados e divididos em partes.

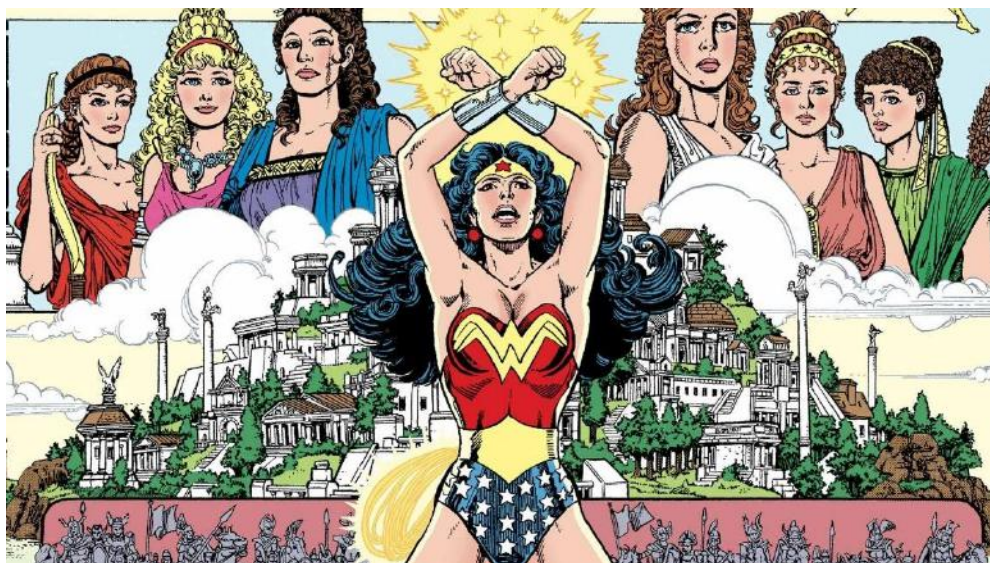
¹⁶ “Crise nas Infinitas Terras” foi uma série de histórias em quadrinhos publicada pela editora estadunidense DC Comics em doze edições em 1986.

5 A RECONSTRUÇÃO MITOLÓGICA DE GEORGE PÉREZ

De acordo com o prefácio escrito por George Pérez para o livro *Mulher-Maravilha: Amazona, Heroína, Ícone* de Robert Greenberger (2017), tudo o que não funcionava para essa nova roupagem da personagem foi eliminado e os elementos mais icônicos retrabalhados. Nessa versão, Diana seria uma embaixadora da paz e uma inspiração para os homens.

Após o arco de *Crise nas Infinitas Terras* mudar todo o universo da DC Comics, a editora contratou artistas de renome para atualizar e reformular a história dos seus principais heróis. Como Diana era o ícone feminino dentro da DC, era preciso que ela tivesse uma história à altura dos primeiros quadrinhos escritos por Marston. Coube ao então desenhista e roteirista George Pérez¹⁷ trazer de volta a Mulher-Maravilha dos anos 1940 e resgatar a origem mitológica da personagem. Em 1987, conhecemos a reconstrução da Mulher-Maravilha de George Pérez, uma das fases mais icônicas da personagem.

Figura 6: Capa da coleção *Lendas do Universo DC: Mulher-Maravilha - Volume 1*



Fonte: Martins (2017).

Nesta pesquisa, não vamos analisar todo o trabalho de Pérez com a personagem; por isso, escolhemos os dois primeiros volumes da coleção brasileira *Lendas do Universo DC*, publicada no Brasil em 2017 pela editora Panini, por serem as histórias que melhor contemplam a reconstrução mitológica da personagem. Na versão do quadrinista, as amazonas ganham uma origem totalmente diferente e são apresentadas como a reencarnação de

¹⁷ George Pérez é um desenhista de HQs conhecido por seu trabalho para as editoras DC e Marvel.

mulheres que, ao longo da história, morreram por causa do ódio e da incompreensão dos homens e, por isso, foram escolhidas pelas deusas do Olimpo para formar uma nova raça de mulheres que serviriam de inspiração para toda a humanidade.

Assim como na origem criada por Marston, as amazonas viviam na Grécia antes de serem exiladas na Ilha Paraíso, após um conflito com Hércules, que, tomado pela loucura, acredita nos falsos relatos de que Hipólita estava manchando sua reputação. Enfurecido, o herói vai com seu exército até as amazonas para derrotá-las, mas chegando lá percebe que não será uma tarefa tão fácil assim, já que as amazonas parecem ser muito mais habilidosas na arte da guerra do que ele. Na disputa com Hipólita, o semideus leva a pior e decide não guerrear com a amazona. As guerreiras, não querendo travar batalha com Hércules, aceitam os guerreiros como convidados na ilha. Entretanto, são enganadas e sofrem amargamente por depositarem a sua confiança nos homens.

Nesse arco, o herói é incitado pelas tramoias do deus Ares e decide enganar Hipólita, envenenando a bebida da rainha amazona para deixá-la mais fraca. Após acorrentá-la e roubar o seu cinturão, o semideus parte e deixa para trás uma cidade em chamas. Hipólita clama às deusas que lhe ajudem e, quando finalmente recobra a sua força, desperta em suas irmãs o mesmo sentimento de fúria e vingança. Após retomarem a cidade, as amazonas se dividem em dois grupos: aquelas que seguem Antíope atrás de vingança e vão atrás dos guerreiros, e aquelas que querem paz e decidem partir com sua rainha para uma ilha onde nenhum homem possa encontrá-las. Contudo, como um lembrete de sua fraqueza, elas nunca poderão retirar de seus pulsos os grilhões com os quais foram acorrentadas.

Na adaptação de Pérez, Hipólita foi a primeira mulher morta por um homem e, por isso, foi escolhida como rainha das amazonas. O que ela não sabia é que trazia em seu ventre outra vida. Guiada então pela deusa Ártemis¹⁸, do barro molda a sua filha, que recebe das deusas do Olimpo todo tipo de dádiva, como: força, sabedoria, beleza, velocidade e poder. Como a única criança entre as amazonas, Diana é criada com o amor de muitas mães e ensinada pelas maiores sábias entre elas. Quando o perigo se aproxima e a oráculo revela que dentre as amazonas nascerá uma campeã que lutará com Ares, a jornada da heroína então se inicia.

Assim como na HQ de Marston, as forças femininas aqui são exaltadas e colocadas também como protagonistas da história. Pérez emula e mantém muitas das características narrativas estabelecidas pelo criador de Diana na história das amazonas, de maneira que, por

¹⁸ Divindade da mitologia grega associada à caça, à natureza e à castidade. Ela também é protetora das mulheres, das crianças e dos nascimentos.

exceção do capitão Steve Trevor, interesse amoroso da Mulher-Maravilha em muitos arcos, quase todas as personagens importantes são mulheres.

Mesmo Hera, que em todas as histórias mitológicas aparece como uma deusa má e ciumenta, aqui, é retratada sob uma perspectiva totalmente diferente: ela ainda é a deusa suprema do Olimpo, mas não há rivalidade feminina na origem de Pérez; e é a ela que Diana recorre para fugir das artimanhas de Zeus. O empoderamento feminino é usado como um elemento narrativo e tido como o centro da história e sua temática. As deusas são as grandes divindades do panteão e aquelas que ajudam a manter o equilíbrio do mundo. As amazonas são as suas protegidas e em quem as deusas depositam a sua fé na humanidade.

As mulheres que aparecem na narrativa, mesmo não sendo amazonas, também ganham protagonismo em seus devidos papéis, tais como: a professora Julia Kapatelis, melhor amiga e aliada de Diana; Etta Candy, que aqui deixa de ser apenas a secretária de Steve Trevor para ser a Tenente Candy; e Diana Rockwell Trevor, a mulher responsável por salvar a ilha de Themyscira¹⁹ e de quem a Mulher-Maravilha herda o nome.

Em contrapartida, os homens são apresentados como os grandes antagonistas das amazonas. Primeiro com Ares, o deus da guerra, que se nas origens clássicas é tido como o pai das amazonas, aqui é apenas um ser maligno que as odeia por impedirem que suas tramoias se concretizem. Em seguida temos Hércules, que antes de encontrar a sua redenção, aparece como um dos algozes das guerreiras e é o principal motivo que as afasta totalmente do mundo dos homens. Duas das poucas figuras que destoam dessa narrativa são Steve Trevor, que nessa história não é o interesse amoroso de Diana, e o deus Hermes²⁰, que concede à princesa o dom da velocidade e, que, ao lado das deusas gregas, protege as guerreiras amazonas.

Quando Pérez teve a chance de recriar a origem da Mulher-Maravilha, a sua ideia central era que a personagem deveria ter como propósito ser uma inspiração para a humanidade. No final da década de 1980, o mundo passava por um período de tensão política entre Estados Unidos e União Soviética, e tal qual na época de Marston, a realidade serviu como pano de fundo para a história da guerreira amazona. As marcas do período da Guerra Fria estão por todos os lugares nessa HQ e fazem parte da trama central que conduz o primeiro arco de Diana fora de Themyscira. Assim como na vida real, a iminência da guerra era o grande temor dos personagens.

¹⁹ Themyscira ou Ilha Paraíso é o lugar para onde as amazonas fugiram após a batalha com Hércules.

²⁰ Mensageiro do Monte Olimpo, na mitologia grega, Hermes era o deus da velocidade e do comércio. Geralmente, representado com um elmo e sandálias aladas; a divindade também era responsável por guiar as almas dos mortos até o rio que as levava ao submundo.

Além disso, elementos como o machismo aparecem de maneira bem enfática na obra, como quando a Mulher-Maravilha chama o lugar ao qual Steve Trevor pertence de “Mundo do Patriarcado”, em uma clara oposição à sociedade matriarcal das amazonas. Em contraponto com a ilha onde nasceu, no “Mundo do Patriarcado” a heroína conhece a guerra, os conflitos e a desigualdade.

Quando Marston criou a Mulher-Maravilha, os mitos greco-romanos foram apenas o ponto de partida para explicar a origem da heroína. Aqui, Pérez explora muito mais a mitologia da personagem. Em seu arco, o Olimpo ganha o devido destaque e o autor traz para a ação todo o universo mitológico grego da DC, desde Zeus e seus filhos, até criaturas mitológicas como a Hidra²¹, a Górgona²², o Coto²³ e os três filhos de Ares com Afrodite: Harmonia²⁴, Deimos²⁵ e Fobos²⁶.

Nas grandes epopeias gregas, a vida dos heróis sempre esteve muito entrelaçada a dos deuses, e tudo o que se passava no Olimpo, de alguma maneira, respingava nos humanos; com a nossa protagonista não é diferente. Quando Diana salva o mundo de Ares, ela se torna absurdamente famosa no “Mundo do Patriarcado”, lugar onde ganha a alcunha de “Mulher-Maravilha”. Acreditando que a sua missão era ensinar o modo de vida das amazonas, Diana parte em uma turnê pelo mundo dos homens para se apresentar, mas logo percebe que, em alguns lugares, a palavra de uma mulher simplesmente não é ouvida.

Diana então volta para Themyscira e logo se vê enredada em mais uma das armadilhas de Ares. Ela deverá passar por uma provação dos deuses e só assim confirmará o seu valor perante eles. O que ninguém sabe é que este é um plano dos filhos do deus da guerra, Deimos e Fobos, para acabar não apenas com as amazonas, mas com todo o panteão de deuses.

Logo no início do segundo volume de *Lendas do Universo DC - Mulher-Maravilha*, Zeus, o deus supremo do Olimpo, aconselhado pelo falso deus Pã²⁷, decide que terá um filho com Diana, mesmo à sua revelia. Ela clama para que as deusas intercedam e Hera a ajuda. O deus, que não admite ser contrariado, se enfurece com a afronta de Diana e decide castigá-la. Zeus, então, envia nossa protagonista para uma jornada digna dos Doze Trabalhos de Hércules. Para provar o seu valor, a maior missão de Diana seria voltar viva.

²¹ Hidra de Lerna era um monstro mitológico de sete cabeças conhecido por ser metade serpente e metade mulher.

²² Na mitologia grega, as Górgonas eram criaturas com cabelos de serpente e o poder de petrificar qualquer um que olhassem diretamente para seus olhos.

²³ Coto, o furioso, era uma criatura gigante de cem braços e cinquenta cabeças.

²⁴ Na mitologia grega, Harmonia é a deusa da paz.

²⁵ Deimos é o deus do terror.

²⁶ Fobos é o deus do medo.

²⁷ Metade homem, metade bode, Pã é o deus dos bosques, das pastagens e das florestas.

Descobrimos que Themyscira esconde muitos segredos, dentre eles a “Caverna dos Condenados”, entrada para o reino do submundo que as amazonas devem vigiar para que criaturas das trevas não escapem para o mundo dos humanos. Nesse lugar, Diana deve enfrentar os desafios que os deuses lhe incumbiram, a fim de que todos tenham provas do seu valor. Assim como na epopeia de Hércules, a nossa heroína vai vencendo os desafios usando sua coragem, força e sabedoria, que são as suas principais armas.

Como o herói grego, Diana faz uma jornada de autodescoberta através dos desafios impostos pelos deuses, cujo único objetivo é testá-la e ver até onde a amazona aguenta. Nessa jornada, também somos apresentados a uma personagem nova na mitologia da Mulher-Maravilha: Pérez faz a sua própria versão da origem do nome de Diana e do manto de Mulher-Maravilha, trazendo respostas sobre a conexão da amazona com o “Mundo do Patriarcado”. Quando em uma batalha a princesa amazona é levada aos domínios de Hades, o deus da morte, ela encontra a guerreira que salvou Themyscira, revelando para os leitores a origem da personagem.

Descobrimos que a princesa ganhou o seu nome em homenagem a uma grande guerreira, que até então ela acreditava tratar-se de uma amazona. Diana Rockwell Trevor é inserida na trama como uma piloto da aviação americana que caiu por engano na ilha das amazonas. Logo em sua chegada, ela precisa ajudar as guerreiras a enfrentar uma criatura que tentava fugir pelo “Portal dos Condenados”, lugar onde mais tarde nossa protagonista vai para cumprir o seu desafio.

Ao lado da amazona Felipa, a recém-chegada trava uma batalha épica com uma besta, e finalmente consegue derrotá-la. Entretanto, a vitória tem seu custo e, mesmo tendo salvado a todas, Diana Rockwell morre. Em sua homenagem, é feita uma armadura de guerra a partir de suas vestes; entretanto, o manto só poderá ser dado para a amazona que se provar digna de usá-lo. O manto da Mulher-Maravilha, que tanto aproxima Diana do mundo dos homens, é o seu elo com o “Mundo do Patriarcado” e também a explicação da sua ligação com Steve Trevor.

Na obra de Pérez, o manto não é apenas uma ode ao nacionalismo americano: ele também remete à força de uma mulher que, tal como Diana, era uma verdadeira amazona por não se encaixar nos padrões sociais estabelecidos para as mulheres de seu tempo e, literalmente, por ser tão guerreira quanto as personagens míticas.

Diana encerra a sua peregrinação ao mundo das trevas derrotando um a um os seus adversários e, no meio do caminho, ainda encontra e salva Hércules, dando ao personagem um arco de redenção ao final da história, quando o semideus reconhece os seus erros que,

apesar de ser explicado pela “loucura” de Ares, ainda assim causou um grande mal para as guerreiras. Diana e as amazonas chegam à conclusão de que os homens merecem uma segunda chance e, para estabelecer um intercâmbio cultural, a princesa é mandada de volta ao “Mundo do Patriarcado” como embaixadora de Themyscira para aprender e ensinar sobre a igualdade entre os povos.

6 AS AMAZONAS DE LOBATO

No Brasil, as histórias da super-heroína só começaram a ser publicadas em 1953, na antiga revista *S.O.S.*, da editora Orbis. Por aqui, ela chegou com o nome de *Super-Mulher* (supomos que na onda das publicações do Super-Homem) e com uma baita novidade, pelo menos para o mercado brasileiro de quadrinhos: a revista era colorida (Romero, 2017). Vale ressaltar que, naquela época, a maioria dos quadrinhos eram em preto e branco.

Por essa cronologia, é possível afirmar que Lobato²⁸ talvez não conhecesse a Mulher-Maravilha de Marston quando escreveu a sua versão dos *Doze Trabalhos de Hércules*, já que a HQ da heroína só chegou ao Brasil doze anos após o seu lançamento nos EUA, época em que Lobato já havia falecido. Mas assim, como o criador da princesa amazona, Lobato era um exímio contador de histórias e adorava recontar aquelas de que mais gostava, com seu estilo único de parafrasear. Para esclarecermos, parafrasear nada mais é do que contar, com suas próprias palavras, uma história, e o escritor era um mestre nessa arte. Com sua forma única de parafrasear tornou-se um dos maiores escritores da literatura infantojuvenil brasileira.

Para Hutcheon (2011), assim como a tradução, a adaptação é uma conversão de um tipo de comunicação para outra e, por isso, ao recontarmos uma história, quase sempre “ajustamos” alguma coisa. Mas a adaptação também é uma atualização de um discurso e se faz necessária porque “toda e qualquer sociedade precisa atualizar os seus discursos; sejam eles artísticos, filosóficos, jurídicos, científicos, políticos ou religiosos” (Feijó, 2006, p. 16). O tempo passa, a sociedade muda e nenhuma tradição permanece sem renovação.

Com os mitos, sempre foi assim e, talvez, por isso, as adaptações tenham na mitologia, muito provavelmente, a sua origem. Afinal, é pela repetição que seguem vivas, já que nem mesmo os mitos estão imunes à ação do tempo. Os gregos antigos narravam, recontavam e repetiam tantas vezes a própria origem porque sabiam que essa era a maneira de perpetuarem a sua cultura e não serem esquecidos ou apagados da história, como aponta Feijó:

Mitos não são eternos, pois podem ser esquecidos. Para eles permanecerem, sabemos, precisam ser narrados, recontados, lembrados, repetidos de pai para filho, de mãe para filha, de avô para neto, precisam ser escritos, encenados, ritualizados. É pela cuidadosa repetição geração após geração que eles permanecem vivos e ativos entre nós, em nossa arte, na literatura, em nosso inconsciente coletivo (Feijó, 2006, p. 32).

²⁸ Monteiro Lobato (1882-1948) foi um escritor e editor brasileiro. O *Sítio do Picapau Amarelo* é a sua série de livros de maior destaque. Criou a Editora Monteiro Lobato e a Companhia Editora Nacional. Foi um dos primeiros autores de literatura infantil do país e de toda a América Latina.

Lobato também estava ciente disso, sabia que as histórias clássicas não são eternas, e, por isso, poderiam ser constantemente atualizadas e reinterpretadas. Logo, ao criar o universo do *Sítio do Picapau Amarelo*, o escritor se apropriou de diversas histórias clássicas e contos folclóricos para recontar a seu modo como eles aconteceram.

Através de personagens como Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho, Pedrinho, Emília e Visconde de Sabugosa, conhecemos grandes mitos gregos, acompanhamos deuses e heróis eternizados na mitologia helênica, descobrimos as mirabolantes aventuras de Dom Quixote e Sancho Pança, aprendemos sobre as fábulas da carochinha e também sobre os personagens do folclore brasileiro. Essa maneira de entrelaçar diversas histórias tornou-se uma das principais marcas de Lobato, pois o autor conseguiu imprimir o seu próprio estilo ao recontar histórias que não eram propriamente suas.

Dona Benta, com seus livros, e tia Nastácia, com seus contos populares, são as *Sherazades* da nossa literatura. Foi por meio delas que nosso pioneiro se apropriou das histórias que quis para recontá-las ao seu modo, com direito às intervenções constantes de Emília, às explicações históricas de Visconde e aos pedidos de Pedrinho para que a avó pulasse as “passagens chatas” e fosse direto à ação. [...] Lobato não tinha nenhum pudor em assumir as histórias dos outros e marcá-las com seu próprio estilo. Ele se apropriava mesmo, como poucos adaptadores tiveram a coragem de fazer. (Feijó, 2006, p. 101).

Cabe lembrar que Lobato não foi apenas escritor, ele também foi um editor e um adaptador de muito prestígio. Como o vanguardista que era, fundou o primeiro parque gráfico para livros no Brasil em 1918, e como Feijó (2006, p. 91) aponta: “Em apenas sete anos (1918-1925), Lobato mudou o perfil da indústria editorial brasileira”. Precursor da tradição brasileira de adaptar os clássicos para as escolas, ele era um verdadeiro aficionado pela cultura helênica e via nos mitos gregos uma inspiração para suas obras de formação escolar.

Em sua época, as produções artísticas, arquitetônicas e até mesmo literárias brasileiras eram muito influenciadas pelo que era produzido na Europa. Como um defensor do nacionalismo ele acreditava que, da mesma maneira que a mitologia grega era um referencial para os gregos, o folclore brasileiro deveria ser uma referência para os brasileiros.

A proposta de Lobato era que os motivos clássicos da arte e da arquitetura europeia fossem substituídos por temas genuinamente nacionais encontrados na cultura popular. Na arquitetura, o acanto, as colunas e cariátides de origem grega poderiam ser substituídos por equivalentes nacionais. Nas artes plásticas, a mitologia grega, tema recorrente na pintura acadêmica europeia, poderia ser substituída por criaturas do folclore nacional, como a Iara ou o

Saci, seres que fariam parte do conjunto que Lobato considerava a “mitologia brasileira” (Lacerda, 2009, p.7).

Em 1917, Lobato fez um inquérito no jornal *O Estado de São Paulo* sobre o Saci. A lenda já era bem famosa em algumas regiões do país e o autor queria reunir os relatos dos leitores que trouxessem as diversas versões da lenda. Após uma enxurrada de respostas, sobretudo provindas de estados como São Paulo e Minas Gerais, o autor compilou todas as respostas em um livro dedicado ao personagem – que, diga-se de passagem, foi o primeiro na história do Brasil, chamado *Sacy-pererê: resultado de um inquérito*, publicado em 1918.

Alguns anos depois, unindo as diversas versões do mito, Lobato publicou em 1921, o livro infantil *O Saci*. Ao recontar diversas lendas, a maioria oriundas da cultura indígena, o autor tornou-se o primeiro contato das crianças com o imaginário folclórico nacional e possibilitou que histórias como as do Saci Pererê, da Mula sem Cabeça, da Cuca, do Curupira, da Caipora e de tantos outros, caíssem no gosto popular.

Isto era algo que Lobato sabia fazer como ninguém. Ele recontou diversas histórias clássicas em suas obras; dentre elas, muitos mitos gregos, e não por acaso, a última grande aventura do Sítio foi *Os Doze Trabalhos de Hércules*, originalmente lançados em doze livros ilustrados e escritos em apenas 36 dias. Entretanto, na versão de Lobato o herói não precisa enfrentar seu desafio sozinho. Pedrinho, Emília e Visconde irão ajudá-lo em mais uma das peripécias da turma do sítio na Grécia Antiga. Ao lado das crianças, Hércules terá que enfrentar doze trabalhos impossíveis de serem realizados. Mas, graças à esperteza de Emília, à coragem de Pedrinho e à sabedoria de Visconde, vence um por um.

Depois de conhecer Hércules em um trecho de *O Minotauro* – uma das muitas histórias que Dona Benta contou para os netos –, Pedrinho fica entusiasmado com as proezas do herói e convence a turma do Sítio do Picapau Amarelo a partir em uma aventura pela Grécia Antiga. Emília, Visconde e Pedrinho voltam mais de 2 mil anos bem em tempo de ajudar Hércules em sua primeira tarefa: combater o terrível Leão de Nemeia (Lobato, 2010).

É importante destacarmos que, na época de Lobato, os adaptadores tinham uma certa notoriedade, pois como afirma Feijó (2006, p. 97): “finalmente estávamos formando novas gerações de leitores com base em livros brasileiros e não mais portugueses”. Contudo, talvez tenha sido nessa mesma época que os preconceitos contra adaptações literárias começaram.

O fato é que as paráfrases para uso escolar sempre foram um sucesso. Dentre os temas clássicos mais abordados nos livros infantojuvenis brasileiros temos a mitologia grega, um

assunto muito recorrente nos livros que se destinam às crianças e aos jovens, pois são histórias clássicas que utilizam a literatura como uma ferramenta pedagógica para a aprendizagem. Ao lado dos contos dos irmãos Grimm, Perrault, Hans Christian Andersen, autores que constituíram os pilares da criação da literatura infantil, a mitologia, especialmente a grega, tornou-se parte de um gênero que, assim como os contos de fadas, não eram originalmente feitos para crianças.

Como abordamos no primeiro capítulo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o mito foi esvaziado de seu primeiro significado como história real e passou a ser entendido como uma fábula, uma narrativa fantasiosa e, por este último motivo, sempre foi um gênero muito usado para escrever histórias que introduzissem as crianças aos valores morais de cada época. Contudo, trazer esses valores da mitologia sem falar em uma adaptação é praticamente impossível.

Os mitos gregos não eram histórias que poderiam ser encaradas como algo feito para crianças, até porque, naquela época, o conceito de infância nem existia. As tramas mitológicas são repletas de temas que passam bem longe do mundo infantil. Ainda assim, a mitologia é uma narrativa de histórias clássicas e universais que contam a origem de vários povos e culturas, trazendo consigo elementos místicos e fantásticos que são sempre muito explorados na literatura infantojuvenil, visto que, na maioria das vezes, adapta-se o que convém e joga-se fora aquilo que não cabe ao gênero.

Em sua versão, ao contrário de outras adaptações do mesmo mito, Lobato não muda a trajetória de Hércules, afinal os personagens do sítio ficam sabendo pelo próprio herói a razão pela qual ele deveria cumprir os doze trabalhos e, entre uma aventura e outra, as crianças vão desvendando vários mitos, conhecendo grandes heróis homéricos, criaturas míticas e até mesmo deuses do panteão. Mas como aqui o que nos interessa é a representação das amazonas na obra de Lobato, iremos direto ao ponto.

Após realizar a oitava tarefa, e recuperar as éguas de Diomedes, Hércules se vê em mais uma enrascada. Precisa levar o cinturão de Hipólita para a filha de Euristeu; mas como roubar algo da rainha das amazonas sem começar uma guerra? Hércules estava acompanhado por seus guerreiros e pelos seus amigos do sítio, mas nenhum deles se equiparava a um exército inteiro de amazonas. Para explicar para às crianças o motivo de tais mulheres serem tão incomparáveis, Lobato, através do Visconde de Sabugosa, nos apresenta a sua versão da origem das guerreiras:

As amazonas formavam uma curiosa raça de mulheres guerreiras, filhas de Marte e Harmonia. Habitavam as paragens do Termodonte, perto de Temiscira, no Ponto. O Reino do Ponto ficava na Ásia Menor, junto ao Ponto Euxino. As amazonas eram a contraparte feminina dos centauros; não que tivessem metade do corpo cavalo, pareciam formar com os cavalos um só corpo. Em seu reino não havia homens, só mulheres, e valorosíssimas – as maiores guerreiras da antiguidade. Desde mocinhas comprimiam o seio esquerdo de modo a atrofiá-lo. Para quê? Para não atrapalhá-las no lançamento das flechas. Além de valentíssimas, eram de grande beleza e trajavam-se à moda dos bárbaros: vestes bem justas no corpo, barrete frígio, bombachas diferentes das dos gaúchos. Para a defesa traziam um escudo redondo; e como armas, o arco e o dardo. Homem nenhum entrava no reino das amazonas, e o que ousasse fazê-lo era imediatamente destruído. Vinha daí a preocupação de Hércules (Lobato, 2018, p. 110).

O autor traz aqui uma versão bem semelhante à origem mítica dos gregos, apresentando as amazonas como filhas dos deus Marte (Marte é o nome romano dado a Ares) e situando-as geograficamente na Ásia Menor. Ele também menciona a versão do seio comprimido que facilitaria o uso do arco e flecha, e vai usando aqui e ali uma pitada da sua expertise para contextualizar seus leitores dentro da mitologia das guerreiras, como quando compara as amazonas aos centauros, já tendo previamente apresentado aos seus leitores a origem de tais criaturas mágicas.

Fica claro para o leitor que o autor quer enfatizar o quanto as amazonas montam bem e, por isso, parecem formar uma coisa só com seus cavalos, remetendo diretamente a um dos muitos significados da palavra amazona – que é como também chamamos uma mulher que anda muito bem à cavalo. A visão dos personagens sobre tais mulheres é de admiração, e diferentemente de muitas versões gregas, na adaptação de Lobato elas não são tratadas ou apresentadas ao leitor como mulheres selvagens e brutas. Entretanto, a visão sexista, muito comum na época do autor, não passa despercebida. “Acostumado a ver nas mulheres do século XX seres delicados, frágeis e graciosos, Pedrinho espantava-se do porte imponente e da rija musculatura das amazonas.” (Lobato, 2018, p. 139).

Mas voltemos à história, Hipólita não pretende guerrear com Hércules, e por vê-lo ali quase ao fim de sua jornada de redenção, aceita recebê-lo de bom grado. Mas a deusa Hera, que na mitologia grega é a causadora de todos os problemas do herói, não pretende facilitar a situação e incita as outras amazonas contra ele e seus guerreiros.

E foi a luta que os poetas gregos contam – luta de gigantes. Golpes de clava tremendos, lançados, avanços e recuos. Teseu defendia-se como um leão encurralado. Os golpes de Télamon reboavam. Sólon derrubou duas com

uma só clavada. Tão terrível foi a pega que o carro de Apolo, já a descambar no horizonte, como que entreparou, assustado (Lobato, 2018, p. 142-143).

Entretanto, Hércules não pretende fazer mal a Hipólita em nenhum momento e, percebendo as tramoias de Hera, convence a rainha a entregar o cinturão para que ele possa partir em paz. Hipólita se compadece do guerreiro e, sabendo que rainha seria mesmo sem o zóster²⁹, retira o cinturão e o entrega a Hércules, que lhe beija a mão e agradece.

Grande rainha, fomos ambos prejudicados pela vingança da deusa que me persegue. O acordo feliz que estávamos a justar desfechou na desastrosa luta em que tantas guerreiras perderam a vida – e vi-me na contingência de aprisionar nesta nau a quem eu só queria render homenagens. Mas restituir-vos-ei incontinenti à liberdade se, cumprindo o acordo feito, me entregardes o vosso zoster (Lobato, 2018, p. 146).

Assim como Lobato apresenta, aqui, uma versão bem mais simpática do semideus (o contrário do que vemos em suas narrativas originais), as amazonas são, por assim dizer, gentis demais com forasteiros, cujo único propósito, nessa trama, é tomar-lhes um objeto que, segundo os mitos, é um presente dado pelos próprios deuses. Então, por que a rainha das amazonas abriria mão de algo tão valioso em favor de um homem, ainda que se tratasse do grande herói grego?

É importante salientarmos que, ainda que esta seja uma das histórias mais famosas sobre as amazonas, a narrativa central é sobre Hércules e não sobre as guerreiras. Os antigos escritores gregos, ao narrar os doze trabalhos do herói, sempre mencionam como um grande feito o personagem ter derrotado as selvagens guerreiras; isto servia para demonstrar aos seus leitores a sua incomparável força e coragem, não apenas como semideus, mas também enquanto homem, reforçando, assim, as posições hierárquicas de poder estabelecidas na sociedade grega da época.

Curioso seria se, na Antiguidade, alguém tivesse escrito algo diferente e dado algum protagonismo a essas mulheres que desafiavam todas as estruturas de poder vigentes à época. Basta lembrarmos das dezenas de personagens femininas nas mitologias gregas que ousaram não se enquadrar nos papéis estabelecidos para elas, e que foram tratadas como párias. “[...] As lendas serviam para mostrar como mudar a ‘ordem natural’ de dominação masculina causaria problemas” (Amorim, 2014).

²⁹ Palavra derivada do grego que significa cinturão.

Ainda assim, na versão de Lobato, as guerreiras são apresentadas às crianças de forma positiva: elas são admiradas pelos outros personagens e são descritas como mulheres extraordinárias. Todavia, nem todas as personagens femininas da trama ganham o mesmo trato, visto que, nessa origem, Hera ainda segue como a grande vilã de Hércules.

No entanto, também temos que nos atentar para o fato de que como Lobato quer ressaltar que o seu herói é um bom homem, um ser injustiçado, ele faz de Hércules um personagem gentil e até mesmo afetuoso. Ainda que tenha cometido as maiores atrocidades, ele foi tido como uma vítima dos deuses do panteão e, para enaltecê-lo, todos os outros personagens o tratam como o mocinho da história. Se as amazonas de Lobato não fossem adaptadas como personagens gentis com Hércules, elas facilmente seriam encaradas como suas vilãs.

Mas além das clássicas histórias cheias de personagens heroicos e míticos, Lobato era ousado, e também incluía em suas obras artistas famosos, como Shirley Temple e personagens animados, como Popeye – algo impensável nos dias atuais, por causa dos direitos autorais. Ele era um homem antenado e com pleno conhecimento do poder que a comunicação de massa tem. Ele havia nascido em uma época em que a literatura vinha antes do cinema, mas mesmo assim logo percebeu que a sétima arte, em pouco tempo, chegaria antes dos livros às crianças. E ele estava certo!

7 DOS QUADRINHOS PARA AS TELAS

Stam (2000 *apud* Hutcheon, 2011) dizia que o cinema era a mais inclusiva e sintética das formas de apresentação, uma vez que é possível enxergar outras formas de arte sendo expressas através de um filme, como a fotografia ou a música. Entretanto, muitas das discussões sobre adaptações cinematográficas (e todas as outras também) giram em torno de termos depreciativos como: infidelidade narrativa, perda, redução ou simplificação da história.

Mas o cinema, assim como as outras artes, tem os seus próprios “códigos” de interação com a sua audiência e, por isso, nem sempre pode ser 100% fiel ao seu original. Às vezes é preciso retirar, reduzir ou simplificar partes da história em benefício de outras que soam mais importantes para quem está conduzindo o projeto. Não podemos esquecer que nenhuma obra é neutra, e os seus realizadores escolhem a visão que eles querem contar.

Estas questões nunca foram empecilhos para as adaptações, que sempre foram realizadas em grande quantidade, reproduzidas em todos meios, de todas as formas possíveis, e isso tem um motivo: elas são populares. Mesmo sendo chamadas de obras derivadas e secundárias e, por isso, tidas como “menores” por muitos críticos, basta olharmos ao redor que as veremos em todos os lugares hoje em dia.

Analisemos alguns exemplos: das dez obras indicadas à categoria de melhor filme no Oscar de 2024, seis são adaptações. Se um livro é considerado um best-seller³⁰, ele logo é vendido para alguma produtora, para no futuro, ser transformado em filme, em série, em desenho ou em uma das diversas possibilidades que existem atualmente no mercado audiovisual. No mundo atual, se algo faz sucesso, ele precisa ser adaptado. Adaptar já é a regra e não mais a exceção.

Isto acontece porque toda obra adaptada também tem mais chances de fazer sucesso (dinheiro), já que, de alguma forma, elas já foram “provadas” e “testadas”. De acordo com Hutcheon (2011), mesmo autores clássicos como Borges e Wolf, que não tinham muito apreço por adaptações cinematográficas, viam nessa nova forma de contar histórias um meio para expressar sensações e emoções que eles acreditavam serem difíceis de se colocar em palavras.

Também devemos destacar os pontos positivos das adaptações que, de maneira geral, podem ser uma porta de entrada para a formação de novos leitores. De acordo com a mais

³⁰ Livro ou outra mídia que vende muito bem. Sucesso de vendas.

recente pesquisa do Instituto Pró-Livro (2024), *Retratos da Leitura no Brasil*, que busca conhecer melhor o comportamento do leitor brasileiro na atualidade, 47% dos entrevistados indicaram como a principal razão para se interessar por literatura, o fato de terem visto filmes baseados em livros ou em histórias de autores. Como Gualda (2010, p. 207 *apud* Frota, 2022, p. 29) aponta:

Logo, a linguagem do cinema pode ser, de tal maneira, muito expressiva, ao ponto dos próprios telespectadores conseguirem sentir algo e se identificarem com a obra exposta. Milhares de histórias contadas em filmes representam alguma realidade, capaz de fazer pessoas se emocionarem, se apaixonarem, se divertirem, se aterrorizarem e desenvolvendo diversos sentimentos a quem vê, dando aquela sensação de “frio na barriga”.

Outro ponto que devemos destacar é a acessibilidade. No contexto brasileiro, por exemplo, é muito mais provável que as pessoas tenham uma TV em casa do que livros. Mas para além do entretenimento, o cinema também tem o poder de despertar o senso crítico, pois de acordo com Benicá (2016 *apud* Frota, 2022, p. 34), “no momento que os jovens comparam a adaptação fílmica com a obra literária, eles refletem, avaliam e discutem o que foi lido e visto”.

Logo, podemos concluir que as adaptações são extremamente importantes tanto culturalmente quanto artisticamente – afinal, elas têm a capacidade de renovar a própria audiência ao recontar uma história. Elas também valorizam as obras originais, já que um filme adaptado de um livro, por exemplo, pode despertar a curiosidade pela obra literária e vice-versa. Por fim, também temos o impacto cultural que estas obras provocam quando bem-sucedidas. Por isso, antes de embarcarmos no fenômeno que foi o filme *Mulher-Maravilha* (2017), precisamos mencionar as adaptações para a TV que precederam o longa-metragem.

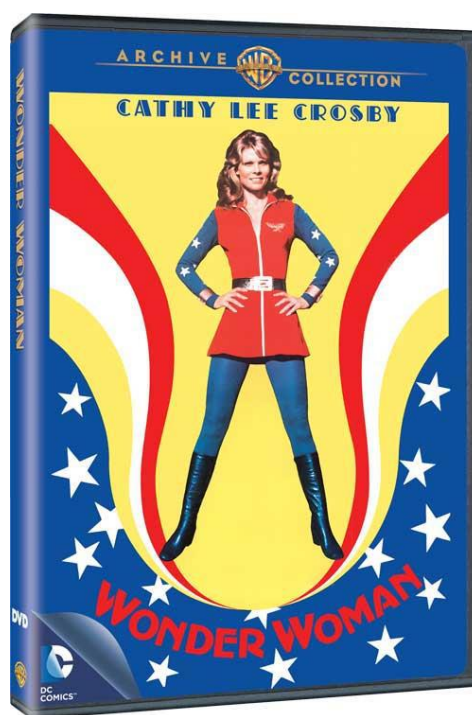
Apesar das adaptações cinematográficas serem um sucesso, nem sempre elas caem no gosto do público. Afinal, adaptar não é para qualquer um, e reproduzir o sucesso de uma história para outra mídia não é um trabalho tão simples assim. Foi isso que a Warner descobriu ao tentar adaptar pela primeira vez os quadrinhos da Mulher-Maravilha. Quando o filme para TV *Wonder Woman* foi lançado em 1974, o estúdio já havia produzido uma série do Batman (1960) e um longa do herói (1966), ambos de relativo sucesso.

O filme, na verdade, era um piloto para uma série da personagem que vinha sendo desenvolvida pelo canal ABC em parceria com a Warner. Entretanto, a versão estrelada por Cathy Lee Crosby em nada lembrava a versão dos quadrinhos: ela não era fisicamente

parecida com a heroína, não usava o uniforme clássico da personagem e sequer tinha superpoderes.

Ela estava mais para uma James Bond feminina do que para a Mulher-Maravilha (cuja alcunha não faz nenhum sentido dentro do filme). Ela é uma espiã que todo mundo conhece e que usa uma fantasia quando, na verdade, não deveria estar chamando atenção. A obra não caiu no gosto do público: era uma adaptação baseada na era de bronze da personagem, aquela em que a Mulher-Maravilha nem sequer tinha poderes. No fim, a película acabou engavetada e só pôde ver a luz do dia em 2016, quando foi lançada em DVD no mercado norte-americano.

Figura 7: DVD *Wonder Woman*, 1974



Fonte: Furquim (2016).

Entretanto, em 1975, com um roteiro que contemplava a origem clássica da Mulher-Maravilha, uma nova série foi criada. Intitulada *The New Original Wonder Woman*, foi o sucesso que os produtores estavam buscando para desenvolver mais histórias sobre a maior heroína dos quadrinhos. Protagonizada por Lynda Carter, a série foi produzida entre 1975 e 1979 e tornou-se o primeiro sucesso comercial da Mulher-Maravilha fora dos quadrinhos. A série utilizava os arcos desenvolvidos por Marston e, com isso, trazia todas as características que remetiam à personagem e podiam ser facilmente identificadas: o uniforme clássico, os braceletes, o cinturão, o laço da verdade e até mesmo o avião invisível.

Figura 8: Lynda Carter como Mulher-Maravilha



Fonte: Wonder Woman Wiki (2024).

No começo, o pano de fundo usado na série foi a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, ao longo das temporadas a série trocou de emissora e passou a ser transmitida pela CBS, que resolveu modificar o formato do programa, trazendo a Mulher-Maravilha para os dias atuais da produção da série. Esta versão foi chamada de *As Novas Aventuras da Mulher-Maravilha* e mostrava um lado até então desconhecido para a sua audiência televisiva.

Ao melhor estilo Clark Kent, na nova versão a nossa heroína assume a identidade secreta de Diana Prince, a secretária de Steve Trevor, com direito ao uso de óculos de grau e o cabelo sempre preso. Ela trabalha para o serviço secreto americano e utiliza um supercomputador falante de nome IRA para conseguir pistas de criminosos e inimigos do governo.

Figura 9: Lynda Carter como Diana



Fonte: Wonderland (2024).

A série tornou-se um dos grandes ícones da cultura pop, e até hoje não há como falar da Mulher-Maravilha sem reverenciar a versão de Lynda Carter. Mesmo quem nunca viu o seriado consegue identificar elementos que foram marcantes na obra de 1975. Seja o avião invisível da heroína, seja o “giro da transformação” – rodopio que a personagem dava quando deixava de ser Diana Prince para transformar-se em Mulher-Maravilha –, o fato é que, apesar de ser a principal personagem feminina do universo da DC Comics, a série dos anos 1970 foi o único acerto com a personagem para o audiovisual. Pelo menos, até chegarmos à versão para os cinemas, em 2017.

A primeira aparição da Mulher-Maravilha nos cinemas aconteceu no filme *Batman Vs Superman: A Origem da Justiça*, de Zack Snyder, em 2016. Com uma participação pontual na trama, a personagem aparece apenas no final, para ajudar os protagonistas. Este foi o primeiro teste da heroína antes de estrear o seu filme solo, sendo considerada pelos críticos e fãs uma das únicas coisas boas do filme de 2016. Mesmo depois de uma bem-sucedida série para a TV, o primeiro longa para os cinemas levou 76 anos para se concretizar.

Figura 10: Poster do filme *Mulher-Maravilha* de 2017

Fonte: Ferreira (2017).

O filme *Mulher-Maravilha* (2017), estrelado por Gal Gadot e dirigido por Patty Jenkins, foi um marco, sem precedentes, até aquele momento para a indústria. Desde o começo, a produção já carregava uma simbologia muito forte, pois era algo inédito uma personagem feminina, vinda dos quadrinhos, protagonizar um filme *blockbuster*, que tinha também uma mulher no comando e um orçamento de mais de cem milhões de dólares.

A adaptação chegou aos cinemas do mundo todo, superando as expectativas para o filme da heroína mais famosa da cultura pop. Na trama, somos apresentados à versão que colocaria a Mulher-Maravilha mais uma vez no centro dos debates. Nessa origem, Zeus, o deus supremo do Olimpo, é tido como o criador dos homens e das amazonas. Entretanto, Ares, o deus da guerra, com inveja da humanidade, decide que irá corrompê-los com ódio, violência e guerra. Em resposta a isso, Zeus cria as amazonas, uma raça de mulheres guerreiras que irá proteger a humanidade de Ares, influenciando com amor e compaixão.

Entretanto, já corrompidos pelas maldades de Ares, os homens escravizam as guerreiras. Condenado pelos deuses, Ares é derrotado e enviado ao planeta Terra. Como uma forma de proteger as amazonas, Zeus, em seu último suspiro, cria a Ilha Paraíso e a oculta do mundo dos humanos. Mas antes disso, entrega as guerreiras a única arma que será capaz de matar Ares quando este retornar. Mais tarde, descobrimos que tal arma não se trata de um objeto, mas de uma pessoa: a princesa amazona.

A história de Diana que conhecemos nas telonas passa pela clássica origem da personagem. Ela nunca saiu da paradisíaca ilha em que vive, por isto, tem uma enorme curiosidade sobre o que há para além da península. Entretanto, quando o piloto Steve Trevor

sofre um acidente e vai parar em Themyscira, ela descobre que uma guerra sem precedentes está se espalhando pelo mundo. Acreditando ser tudo um grande plano de Ares, a heroína decide acompanhar Trevor certa de que pode ajudá-lo a parar com o conflito. Lutando para acabar com a guerra das guerras, Diana revela-se uma heroína e encontra o seu verdadeiro propósito.

No filme, vemos o amadurecimento da personagem, que ainda está tentando se descobrir enquanto guerreira e buscando o seu propósito, que mais tarde a levará a tornar-se a Mulher-Maravilha. Na trama, Diana é tida como a única que pode matar Ares, o deus da Guerra, e Hipólita teme que o destino de sua filha seja se sacrificar em prol dos homens. Por isso, a princípio a rainha impede que sua irmã Antíope treine Diana como uma amazona, o que claramente dá errado, visto que a princesa é uma guerreira nata e quer muito ser como as outras Amazonas. Hipólita então concorda que Antíope a treine, desde que ela se torne a melhor de todas as guerreiras.

Nessa versão, encontramos uma Mulher-Maravilha mais distante da origem mitológica proposta por Marston e Pérez. O panteão aqui é deixado de lado e até mesmo a sua origem é modificada, convertendo Diana em mais uma das proles de Zeus, dando à nossa heroína uma ascendência divina, já que Ares só poderia ser derrotado por outro deus, como é dito no filme. As referências femininas ficam todas para as Amazonas, não há nem sequer uma menção para as deusas do panteão, que são personagens importantes na origem da heroína.

Além das guerreiras, as únicas duas personagens femininas presentes na trama são Etta Candy, a secretária de Steve Trevor, e a doutora Poison, vilão clássico da heroína nos quadrinhos e que na adaptação ganha uma versão feminina. Apesar disso, a Mulher-Maravilha vivida por Gal Gadot parece ter saído das páginas dos quadrinhos direto para a tela dos cinemas, pois ainda que com mudanças, o filme mantém um elemento que é vital para o sucesso da heroína: a essência da personagem. Ela é independente, luta pelos mais fracos, não se submete à vontade dos homens e, sobretudo, tem uma ingênua esperança na humanidade.

A adaptação foi um grande sucesso, chegando a faturar US\$ 11 milhões nas pré-estreias dos Estados Unidos e US\$ 223 milhões ao redor do mundo, tornando-se, naquela época, a maior estreia de um filme dirigido por uma mulher, batendo todos os recordes nas semanas seguintes, arrecadando US\$ 821 milhões apenas nos cinemas. O êxito do filme foi um marco importante, pois mostrava para Hollywood que histórias de heroínas femininas poderiam ser tão ou mais lucrativas que a dos heróis, visto que *Batman Vs Superman: A Origem da Justiça* arrecadou US\$ 872 milhões em 2016, porém custando quase o dobro do orçamento de *Mulher-Maravilha*.

Em seu ano de lançamento, a produção dirigida por Patty Jenkins e estrelada por Gal Gadot tornou-se a adaptação de quadrinhos mais bem avaliada da história do site *Rotten Tomatoes*, espaço tradicional da internet para críticas de fãs, passando filmes como *Batman - O Cavaleiro das Trevas* (2008) e *Logan* (2016) (Monet, 2017).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como Walter Benjamin costumava dizer, contar histórias é a arte de sempre repeti-las. Afinal, as grandes narrativas são aquelas que, contadas e recontadas milhares de vezes, através dos séculos, permanecem até os tempos atuais. Mas se adaptar é também recontar a mesma história de um ponto de vista diferente, reinterpretando-a e recriando-a dependendo da perspectiva do autor, não seria exatamente isso o que fazemos desde os tempos antigos?

Vimos nesta monografia que os mitos contam a origem de um povo, sua cultura e costumes e, por isso, eram repassados adiante, de geração em geração, sendo reproduzidos milhares e milhares de vezes. Histórias assim transformam-se em narrativas poderosas, ficam com a gente e passam a permear nosso inconsciente coletivo, tornando-se clássicas e atemporais. Elas também sofrem mudanças, ajustes e acréscimos, além de serem atualizadas para o tempo e a sociedade da sua época, gerando outras novas histórias.

Relatos de autores como Homero, Diodoro Sículo e Heródoto sobre as amazonas eram, ao seu próprio modo, uma das milhares de versões daquilo que já se contavam sobre tais mulheres naquela época. Estes relatos foram e ainda são muito importantes para situarmos as personagens historicamente; entretanto, para os dias atuais, eles pouco comunicam a um público novo. Por este motivo, novas histórias e novas adaptações surgem todos os dias e, mesmo que, muitas vezes, sejam tidas como obras inferiores aos seus originais, elas fazem cada vez mais sucesso.

Por isso, não é nenhuma surpresa que adaptações como as de Marston, George Pérez e Monteiro Lobato sejam algumas das tantas versões sobre as amazonas que se mostraram tão bem-sucedidas, cada uma em sua época, pois conseguiram fazer aquilo que as boas adaptações fazem: conquistar e atrair novos leitores. Mesmo o filme de 2017 foi um feito e tanto para a sétima arte. Ela foi a primeira heroína a dar certo nos cinemas, o que abriu as portas para outras tantas personagens femininas poderosas que vieram depois. Em uma época em que homens lideravam as bilheterias na cultura pop, ela mostrou que as mulheres também tinham muito potencial para contar grandes histórias e, ao mesmo tempo, atrair público e dinheiro para o cinema.

Essa conquista também é um reflexo da mudança cultural e social pela qual passamos ao longo do tempo. Afinal, da origem grega das amazonas até os dias atuais, muita coisa mudou. Surgiram os movimentos sufragistas e feministas, e o papel das mulheres foi ressignificado. Podemos dizer que as adaptações fizeram parte disso ao retratar essas transformações e, também, de alguma forma, impactar a sociedade através delas.

É importante lembrarmos que, até o final do século XIX, a educação feminina ainda era uma novidade e foi somente no século XX que as mulheres conquistaram o direito de votar. Diante disso, quando a Mulher-Maravilha de Marston surgiu, ela logo tornou-se uma inspiração para as garotas de sua época, que enxergavam nela um exemplo daquilo que gostariam e queriam ser. Apesar de ter sim suas problemáticas, foi uma das primeiras personagens a quebrar os estereótipos tradicionais de gênero. Logo, como demonstramos ao longo desta pesquisa, é inegável a importância que a adaptação tem para a sociedade, sobretudo na preservação dos mitos, das tradições, das culturas e das histórias como um todo.

Aqui, descobrimos como essas novas versões trouxeram elementos que difundiram ainda mais a mitologia das personagens. A amazona de Marston popularizou as guerreiras, tornando-as um estandarte para as mulheres de sua época. A versão de Pérez ressuscitou a vertente feminista da personagem, que outrora fora apagada após a morte do criador de Diana, enquanto as amazonas de Lobato mostravam para as crianças o quanto as guerreiras são poderosas e admiráveis. Por fim, temos a Mulher-Maravilha de Gal Gadot, que impactou a indústria de Hollywood e trouxe novamente a personagem, que outrora estava esquecida, para o *mainstream*. Estas adaptações, ao alcançarem tanto sucesso, transformaram a imagem das amazonas em um símbolo cultural, refletindo na personagem da Mulher-Maravilha as necessidades e os valores de cada época.

Sendo assim, esta pesquisa defende que é válido afirmar que as adaptações das amazonas para diversas mídias permitiram que a lenda de tais mulheres se perpetuasse e permanecesse até os dias de hoje, tendo, até mesmo, um papel fundamental na transformação das representações femininas na sociedade. A maneira como enxergamos as amazonas atualmente não é a mesma dos tempos de Homero. Mas foi a partir desta e de tantas outras adaptações que a mitologia dessas mulheres pôde seguir viva, dando a este mito uma sobrevida que não seria possível de outra forma.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Chester. Mulheres guerreiras: as mitológicas Amazonas realmente existiram?. **Em diálogo**, 02 set. 2014. Disponível em: <http://www.emdiálogo.uff.br/content/mulheres-guerreiras-mitologicas-amazonas-realmente-existiram>. Acesso em: 13 set. 2021.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. V. 3. Petrópolis: Vozes, 1987.

CASTRO, Susana de. O mito moderno da Mulher Maravilha. **Revista Redescrições**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, ano 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Redescricoes/article/download/15386/10067>. Acesso em: 8 jul. 2024.

CODESPOTI, Sergio. **Eclipse Quadrinhos Especial Kaboom** - Surgem os super-heróis. São Paulo: Editora Eclipse, 2005.

COSTA, Aída. **Temas clássicos**. São Paulo: Cultrix, 1978.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

FARIA, Meiri. 75 anos da Mulher-Maravilha. **Armazém de Cultura**, 19 dez. 2016. Disponível em: <https://armazemdecultura.wordpress.com/2016/12/19/75-anos-da-mulher-maravilha/>. Acesso em: 09 ago. 2024.

FEIJÓ, Mário. **Permanência e Mutações**: O desafio de escrever adaptações escolares baseadas em clássicos da literatura. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

FERREIRA, Caio. Mulher Maravilha | Bilheteria supera os outros filmes da Universo Estendido da DC. **Cinema com Rapadura**, 01 jul. 2017. Disponível em: <https://cinemacomrapadura.com.br/noticias/453553/mulher-maravilha-bilheteria-supera-os-outros-filmes-da-universo-estendido-da-dc/>. Acesso em: 8 jul. 2024.

FROTA, Joyce Soares. **As adaptações cinematográficas como incentivo à leitura**: um estudo a partir da obra Jogos Vorazes. 2022. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/69264/1/2022_tcc_jsfrota.pdf. Acesso em: 15 nov. 2024.

FURQUIM, Fernanda. EUA: piloto original da série ‘Mulher-Maravilha’ sai em DVD. **Veja**, 01 dez. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/temporadas/eua-piloto-original-da-serie-8216-mulher-maravilha>. Acesso em: 05 nov. 2024.

GRAVES, Robert. **Os mitos gregos**: volumes 1 e 2. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2018.

GREENBERGER, Robert. **Mulher-Maravilha**: amazona, heroína, ícone. Rio de Janeiro: Editora Leya, 2017.

GRIMAL, Pierre. **A Mitologia Grega**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

HERÓDOTO. **História**. Versão para o português de J. Brito Broca. eBooksBrasil, 2006. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/historiaherodoto.pdf>. Acesso em: 30 maio 2024.

HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. Martins Fontes. São Paulo: 2003.

HUTCHEON, Linda. **Uma Teoria da Adaptação**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil 2024**. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%C3%A7%C3%A3o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em: 25 nov. 2024.

KOTHE, Flávio R. **O Herói**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

LACERDA, Amaro Vitor. Monteiro Lobato e a Mitologia Grega. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura, Belo Horizonte, v. 19, n. especial, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1519>. Acesso em: 15 abr. 2021.

LANGER, Johnni. As indestrutíveis amazonas. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 50, nov. 2009. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20091129141457/http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=1828#>. Acesso em: 16 dez. 2020.

LEPORE, Jill. **A história secreta da Mulher-Maravilha**. 2. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2017.

LIMA, Isabelle. Guerreiras Amazonas: conheça a história das Icamiabas. **Portal Amazônia**, 26 out. 2021. Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonas/guerreiras-amazonas-conheca-a-historia-das-icamiabas>. Acesso em: 15 nov. 2024.

LIMA, Sávio Queiroz. Elmo, Escudo e Bota: Três mundos Gregos para a Mulher-Maravilha (Grécia antiga, Década de 40 e Década de 80). **Nearco**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 100-115, 2014.

LIMA, Savio Queiroz. A História Oculta das Mulheres de Bana-Mighdall: Um Estudo de África e Gênero. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015. **Anais...** Florianópolis, 2015. Disponível em: https://snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1424333597_ARQUIVO_MulheresMaravilhaBana.pdf. Acesso em: 18 ago. 2024.

LOBATO, Monteiro. **Os doze trabalhos de Hércules**. São Paulo: Globinho, 2010.

LOBATO, Monteiro. **Os doze trabalhos de Hércules**. Ilustrações Cris Eich. São Paulo: Globinho, 2018.

MARTINEZ, Lys. **A intertextualidade de Hércules e seus mitos**. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/105261>. Acesso em: 15 jul. 2024.

MARTINS, Raul. Mulher Maravilha do George Pérez. **Quarta Parede**, 30 mai. 2017. Disponível em: <https://quartaparede.com.br/criticas/colecoes-que-valem-pena-mulher-maravilha-do-george-perez/>. Acesso em: 05 nov. 2024.

MCCAUSLAND, Elisa. Por que Mulher Maravilha é a primeira super-heroína que busca a igualdade entre homens e mulheres. **El País Brasil**, 27 jun. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/26/cultura/1498464875_409948.html. Acesso em: 5 dez. 2024.

MONET. '**Mulher-Maravilha**' é a adaptação de quadrinhos com as melhores críticas da história, segundo site. 09 nov. 2017. Disponível em: <https://revistamonet.globo.com/Filmes/noticia/2017/11/mulher-maravilha-e-adaptacao-de-quadrinhos-com-melhores-criticas-da-historia-segundo-site.html>. Acesso em: 5 dez. 2024.

MUIRAQUITÃ. **Portal Amazônia**, 26 out. 2021. Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia-de-a-a-z/m/muiraquita>. Acesso em: 5 dez. 2024.

MULHER-MARAVILHA. Direção: Patty Jenkins. EUA: Warner Bros Pictures, 2017. 141 min.

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. O mito das Amazonas na América do Século XVI: Uma Análise da Relação entre Imaginário e Imagem. In: Encontro de História da Appuh-MS, 14., Dourados. **Anais...** Dourados: Anpuh-MS, 2018. Disponível em: https://www.encontro2018.ms.anpuh.org/resources/anais/9/1540998241_ARQUIVO_AmazonasnaAmericadoseculoXVI.pdf. Acesso em: 3 maio 2024.

PEREIRA, Patrícia. Amazonas: lenda ou realidade. **Superinteressante**, 30 set. 2006. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/amazonas-lenda-ou-realidade>. Acesso em: 15 nov. 2024.

PÉREZ, George. **Lendas do Universo DC: Mulher-Maravilha**. Volume 1. Roteiros: George Pérez, Len Wein, Greg Potter. Tradução: Mário Luiz C. Barroso. Barueri: Panini Comics, 2017.

ROMERO, Renata. Mulher Maravilha: a trajetória da primeira super-heroína dos quadrinhos no Brasil. **Cinema Transcendental**, 16 jun. 2017. Disponível em: <https://cinematranscendental.wordpress.com/2017/06/16/mulher-maravilha-a-trajetoria-da-primeira-super-heroína-dos-quadrinhos-no-brasil/>. Acesso em: 5 set. 2021.

SELEPRIN, Maiquel José. **O Mito na sociedade atual**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/O_mito_na_sociedade_atual.pdf. Acesso em: 10 maio. 2022.

WONDERLAND. **Wonder Woman in Hollywood**. Disponível em:
<https://www.wonderlandsite.com/html/photos>. Acesso em: 05 nov. 2024.

WONDER WOMAN WIKI. **Wonder Woman (Lynda Carter)**. Disponível em:
[https://wonder-woman.fandom.com/wiki/Wonder_Woman_\(Lynda_Carter\)](https://wonder-woman.fandom.com/wiki/Wonder_Woman_(Lynda_Carter)). Acesso em: 05 nov. 2024.